



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**

**VALDICLEIA DE SOUZA SANTOS**

**CONCEPÇÕES DOCENTES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL:  
ANÁLISE DO DISCURSO DE PROFESSORES DE UMA ESCOLA  
PÚBLICA DE GOIANÉSIA DO PARÁ**

**Marabá, Pará**

**2013**

VALDICLEIA DE SOUZA SANTOS

**CONCEPÇÕES DOCENTES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL:  
ANÁLISE DO DISCURSO DE PROFESSORES DE UMA ESCOLA  
PÚBLICA DE GOIANÉSIA DO PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do diploma de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus de Marabá, sob orientação do prof<sup>o</sup>. Msc. José Pedro de Azevedo Martins.

Marabá, Pará

2013

Santos, Valdicleia de Souza.

Concepções docentes de Educação Ambiental: Análise do discurso de professores de uma escola pública de Goianésia do Pará/ Valdicleia de Souza Santos. - 2013.

Orientador: José Pedro de Azevedo Martins.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia)- Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará, Campus de Marabá- 2013.

1. Educação Ambiental.
2. Concepções docentes.
3. Meio Ambiente.
4. Análise do discurso.
5. Cartesianismo.

Valdicleia de Souza Santos

Concepções docentes de Educação Ambiental: Análise do discurso de professores de uma escola pública de Goianésia do Pará

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado como exigência parcial e obrigatória à faculdade de educação (FACED), para obtenção do diploma de Graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus de Marabá, sob orientação do prof<sup>o</sup>. Msc. José Pedro de Azevedo Martins.

Banca examinadora:

---

Prof. MSC. José Pedro de Azevedo Martins: orientador.  
UFPA- Campus Universitário de Marabá

---

Prof. Dra. Nilsa Brito Ribeiro  
UFPA- Campus Universitário de Marabá

---

Prof. Esp. Maria Antonia Gomes de Araújo Fernandes  
UFPA- Campus Universitário de Marabá

Aprovado em: 25 de novembro de 2013. Conceito:\_\_\_\_\_.

Dedico este trabalho a Deus, em primeiro lugar e às minhas filhas Samanta e Sophia, razão da minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por mais uma vez conseguir me realizar diante das adversidades, à minha família, a quem devo tudo, em especial à minha mãe, Valdelice, minhas irmãs, Isis e Valdenir, que sempre me apoiaram. Às minhas amigas, companheiras de jornada. Agradeço grandemente ao meu orientador, prof. José Pedro, por suas valiosas contribuições na realização deste trabalho.

## CAMINHANDO COM O SONHO

“Quando busco profundamente sonhar

É porque em mim há algo muito forte

Que me faz acreditar

Que o sonho

Faz parte do caminho

Para que possamos caminhar.”

(Lymbo Parigipe, s.d)

“Para onde foi a sabedoria do homem branco? Toda filosofia foi transformada em lucro econômico e nós, os índios, fomos relegados a um plano ainda mais baixo de toda a sociedade humana. Não conhecíamos a pobreza. Queremos dizer isso para vocês, no sentido de mostrar que a ciência do homem branco precisa conversar com a ciência indígena. Porque vocês podem usar quinze anos fazendo pesquisas, gastar 300 milhões de dólares em vão. Ao passo que, conversando com os índios e fazendo acordo com os povos indígenas, podemos fazer com que toda riqueza e conhecimento não tenham tantos gastos e que o dinheiro das pesquisas possa ser utilizado para matar a fome dos próprios parentes, dos menores abandonados, das pessoas que não têm o que comer nem o que beber” (Marcos Terena)

## RESUMO

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa realizada em uma escola pública do município de Goianésia do Pará, que tinha como principal objetivo a investigação da concepção docente de educação ambiental, utilizando como metodologia essencial a Análise do Discurso (AD), para entender, dentro do contexto, o que professores da dita escola pensam em relação à temática, considerando a grande relevância e desafio de uma educação que tenha como foco principal a mudança de paradigma no que se refere a relação da sociedade e o ambiente onde está inserida. Neste contexto, faz-se necessário uma prática docente crítica, que problematize as diversas causas dos desequilíbrios ecológicos vivenciados paralelamente ao avanço tecnológico. Nesse viés, o papel docente toma abrangência, no sentido de esclarecer, direcionar, para tanto, é imprescindível que os professores tenham clareza das causas e das conseqüências do desenvolvimento exacerbado contemporâneo. Dessa forma, o que pretendemos descobrir aqui é como esses profissionais estão concebendo e se posicionando frente aos desafios cada vez mais crescentes na sociedade atual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Ambiental, Concepções Docente, Análise do Discurso.

## **ABSTRACT**

This work is the result of a survey conducted in a public school in the city of Goianesia Pará , which had as main objective research design teaching environmental education , using as essential methodology Discourse Analysis ( DA) , to understand within context , the teachers of this school think about this subject matter , considering the great importance and challenge of education that has as its main focus the paradigm shift regarding the relationship between society and the environment in which it operates . In this context, it is necessary to practice teaching critical that problematizes the various causes of ecological imbalances experienced alongside technological advancement. In this vein, the role of teachers takes scope , to clarify , direct , for this it is essential that teachers are clear of the causes and consequences of contemporary development exacerbated . Thus, what we intend to find out here is how these professionals are designing and positioning itself to meet the challenges increasingly growing in today's society.

**KEYWORDS:** Environmental Education, teaching concepts, Discourse Analysis.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
1.1 - A ANÁLISE DO DISCURSO.....	15
1.2- A RELAÇÃO DO HOMEM COM A NATUREZA.....	18
<b>2- AS DIVERSAS CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL.....</b>	<b>21</b>
2.1- A EDUCAÇÃO AMBIENTAL HISTORICAMENTE.....	25
2.2- A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO CONVENCIONAL.....	28
2.3- DEGRADAÇÃO: UMA QUESTÃO PARADIGMÁTICA.....	30
2.4- CONCEPÇÕES DE BACON NAS RELAÇÕES COM A NATUREZA.....	41
2.5- O PROCESSO DE EXPLORAÇÃO DA NATUREZA NO BRASIL.....	43
<b>3- DADOS DA ESCOLA.....</b>	<b>46</b>
3.1-SOBRE O OBJETO DE PESQUISA.....	49
3.2- ANALISANDO O DISCURSO DAS PROFESSORAS.....	50
3.2.1- VERTENTE CONSERVADORA.....	51
3.2.2- VERTENTE PRAGMÁTICA.....	54
3.2.3- VERTENTE CRÍTICA.....	58
<b>4- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>61</b>
BIBLIOGRAFIA .....	68
APÊNDICES.....	82
ANEXOS.....	85

## 1. INTRODUÇÃO

A humanidade tem passado, atualmente, por uma série de problemas de diversas naturezas, cujas verdadeiras causas a sociedade provavelmente não tem ainda total conhecimento. Esses problemas, que têm provocado demasiados desequilíbrios, vêm causando as mais diversas catástrofes presenciadas por nós, seres terrestres, principalmente nos últimos três séculos. É possível compreender, através de uma visão global do mundo, que a raiz de inúmeras questões sociais está intimamente ligada a problemas ecológicos.

É muito comum na atualidade, o discurso que prega a preservação da natureza. Dessa forma, tal temática tem sido tratada de maneira corriqueira, o que pode contribuir negativamente para que a sociedade não se conscientize, no sentido de se preocupar com as problemáticas ambientais, esse fato pode ser desfavorável em muitas situações, impedindo que haja interesse em perceber e agir de forma a contribuir menos com a atual situação de crise ecológica. Nesse contexto, temos acompanhado recentemente os “olhos do mundo” se voltando para estas questões, que foram negligenciadas por quanto tempo? Há muitas questões à serem problematizadas, na tentativa de desfazer algumas dúvidas surgidas ao longo do tempo em relação aos desequilíbrios ambientais evidenciados na atualidade.

Somente após a constatação das contribuições humanas nas modificações ambientais, sendo que este mesmo poder contribuiu imensamente para os desequilíbrios da natureza, iniciou-se então um processo de corrida contra o tempo na intenção de tentar converter a situação, que atinge principalmente os sujeitos que geralmente não são os verdadeiros causadores dos problemas.

Essa corrida para tentar modificar o quadro devastador em que o planeta se encontra, vale ressaltar, não é feita por todos os seres humanos, geralmente, nem mesmo pelos maiores causadores do desequilíbrio ecológico atual, mas por uma pequena parcela da sociedade, o que torna o desafio da Educação muito grande, frente às problemáticas à serem enfrentadas.

Atualmente, pôde-se constatar a diversidade de modificações sociais, causadas pelo avanço civilizatório, essas mudanças não acontecem por acaso, nem de uma hora à outra, mas os indivíduos são levados a mudar a forma de vida para se adequarem a um modelo imposto que de certa forma obriga as pessoas a fazerem o que fazem, da forma fazem, até mesmo os valores de uma geração à outra são modificados. Uma mudança marcante é a migração dos sujeitos, que saem do campo para a cidade em busca de melhorias de vida, pois no local onde habitavam não é mais possível permanecer com qualidade e dignidade, afinal, faltam-lhes condições para a manutenção do trabalho no campo, de onde não podem tirar seus produtos por não possuir meios de produção, nem de locomoção, o que torna a competitividade desleal nesse sistema de produção.

Em busca de saber como a sociedade está concebendo tantas modificações em todos os âmbitos, nos propusemos a investigar o que educadores de profissão pensam sobre a temática, tendo ciência da interferência das concepções evidenciadas nas ações, uma vez que demonstram o posicionamento dos indivíduos. Para realizar esta pesquisa, o método dialético se faz importante no auxílio para uma melhor busca por resposta, como nesta pesquisa, pois segundo Gil (2008):

A dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc. Por outro lado, como a dialética privilegia as mudanças qualitativas, opõe-se naturalmente a qualquer modo de pensar em que a ordem quantitativa se torne norma. Assim, as pesquisas fundamentadas no método dialético distinguem-se bastante das pesquisas desenvolvidas segundo a ótica positivista, que enfatiza os procedimentos quantitativos.

Nesse viés, o auxílio da pesquisa como um estudo de caso é considerada ideal neste trabalho, pois para Yin, (Apud. Gil, 2008).

o estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência.

Além disso, será utilizada, como metodologia a Análise do Discurso, por tratar da subjetividade dos sujeitos, utilizando para tanto entrevistas semi-estruturadas e observação da prática docente, que segundo Selltiz et al, (Apud. Gil, 2008).

Enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes.

Além disso, também se realizará a análise de registros documentais, para compreender a história em que os sujeitos participantes da pesquisa encontram-se inseridos, para, dessa forma, analisar seus posicionamentos enquanto educadores de futuros cidadãos que podem ser atuantes ou não, dependendo da educação do presente e que, portanto tomarão medidas (ou não) a respeito das mais diversas problemáticas surgidas na sociedade. Nesse sentido, dependendo de qual educação ambiental defendem, poderão agir para mudar a realidade em que estamos ou contribuir para a manutenção do *status quo*.

Dessa forma, se faz extremamente necessária uma educação ambiental de forma comprometida, por parte dos educadores ambientais, favorecendo a conscientização da sociedade, entretanto, é necessário que esse esclarecimento ocorra primeiramente por quem faz a educação ambiental, para que conquiste credibilidade em seu trabalho, trazendo a humanidade para efetivas participações, na tentativa de cultivar bons hábitos das pessoas no ambiente em que vivemos.

Partiremos do pressuposto que a educação promove a libertação, através das pessoas, que de acordo com Freire, são estas que têm a capacidade de transformar o mundo, através de suas ações no meio. Entretanto, se a educação não promover a conscientização, sem ela tampouco a libertação de opressões será alcançada.

A decisão de pesquisar sobre o tema surgiu do inconformismo em que me encontrava com as problemáticas ambientais, cada vez mais evidentes na realidade da humanidade em geral. Partindo desse inconformismo, me propus a conhecer as causas desses problemas, pois, apesar dos discursos atuais pregarem a defesa do meio ambiente, o direito de todos a um ambiente em bom estado de conservação, a realidade é notadamente outra, pois a verdade é que se vivenciam direitos bem diferentes. Sendo assim, nos propusemos a investigar o entendimento das problemáticas ambientais que se fazem presentes no meio escolar, por considerar que essa instituição é, por excelência

uma das mais importantes no que se refere à educação das futuras gerações. Além disso, consideramos que a discussão do tema é extremamente importante no momento crítico no que se refere às problemáticas ambientais em que vivemos.

Na intenção de alcançar os resultados propostos, foram traçados alguns objetivos, sendo que o objetivo geral, como já foi mencionado, era ter conhecimento da visão que docentes de uma escola pública têm de ambiente, ou seja, investigar como docentes de uma escola pública concebem a Educação Ambiental, através dos seus discursos, necessitando, para tanto:

- a- Relacionar os conceitos do (a) s docentes sobre Educação Ambiental;
- b- Compreender os processos da exploração da natureza;
- c- Analisar os discursos ambientais de professores, tal como sua prática, e
- d- Problematizar e refletir os resultados obtidos através da pesquisa.

Foi com base nessas questões que nos propusemos a investigar o que educadores de uma determinada escola pública do município de Goianésia do Pará concebem em relação à educação, e especialmente sobre a educação ambiental, uma vez que a concepção que esses educadores trazem consigo dessa questão, demonstra, em grande parte suas ações docentes, que educação praticam, pois a forma de conceber o mundo pode ser perceptível nas ações docentes.

Educar as futuras gerações não pode significar que a conscientização deva se pautar somente a futuras mudanças nas relações com a natureza, tendo que educar também para o presente, pois não se buscam apenas resultados futuros, mas o ideal é que se inicie com a educação ambiental desde cedo, na tentativa de promover atitudes que possam evitar que posteriormente haja tanta necessidade de mudança de hábitos como que estamos vivenciando. A necessidade atual é de se educar para a descoberta do próprio ambiente em que vivemos, pois dele fazemos parte.

O que é praticamente indiscutível é a necessidade de uma mudança de paradigma, no sentido de recuperar velhos valores que se tornam cada vez mais esquecidos, uma vez que se tornaram vigentes outros valores que, que alimentam a competição e o ter em prol do compartilhamento e do ser, que nos trouxeram à atual crise ecológica. Nesse contexto, “A educação ambiental surge hoje como uma

necessidade quase inquestionável, pelo fato de que não existe ambiente na educação moderna” Grun, (1996). Mas para que essa educação possa realmente ocorrer, a sociedade precisa perceber o quão há necessidade de uma educação ambiental transformadora, que não esteja limitada a datas específicas em épocas exclusivas, mas que seja permanente, com valores éticos que detenham o velho paradigma desenvolvimentista, que busca o crescimento acima de tudo, não se atentando para as conseqüências desse tal desenvolvimento que na maioria das vezes é denominado de sustentável.

Na tentativa de maquiagem o processo de exploração da natureza, muitas vezes membros da sociedade se apropriam de conceitos, como o de sustentabilidade, tornando os mesmos despolitizados e parte de um modismo que tem descaracterizado consideravelmente os interesses de grupos ambientalistas e até mesmo a própria causa de preservação do ambiente. Nesse viés, o processo de degradação tem se alastrado, principalmente nos últimos séculos, com o advento do capitalismo.

O trabalho está dividido em quatro capítulos, sendo que, no primeiro, fizemos uma introdução, apresentando a temática para leitor com base nas literaturas da área. No segundo capítulo, estão contidos a contextualização e caracterização do objeto de pesquisa e por fim, no terceiro, a caracterização do objeto da pesquisa, assim como as análises dos dados coletados no espaço de investigação. No quarto capítulo constam as colocações da pesquisadora, concluindo o trabalho.

## **1.1 A análise do discurso**

Com base em Charaudeau e Maingueneau 2008, A análise do discurso (AD) surgiu na França, por volta dos anos 60, e foi problematizada por inúmeras áreas de conhecimento e locais diferentes, como a Europa e os EUA. As áreas do conhecimento foram: a psicolinguística, a sociolinguística, a pragmática a etnografia da comunicação, a etnometodologia, a psicossociologia da linguagem... sendo adaptada para “ciências da linguagem”, na França, fazendo parte do contexto intelectual explicitado por Maingueneau:

A conjuntura intelectual é aquela que, nos anos 60, sob a égide do estruturalismo, viu articular-se, em torno de uma reflexão sobre a “escritura”, a lingüística, o marxismo e a psicanálise. “A análise do discurso na França é, sobretudo, - e isto desde 1965, aproximadamente- assunto de *lingüistas* (...), mas também de *historiadores* (...) e de alguns *psicólogos* (...). A referência às questões filosóficas e políticas, surgida ao longo dos anos 60, constitui amplamente a base concreta, transdisciplinar de uma convergência (...) sobre a questão de uma abordagem discursiva dos processos ideológicos” (MAINGUENEAU, 1997, 10).

Nesse sentido, esse estudo tem o desafio de interpretar, diferentemente da lingüística, não somente a língua e a linguagem em si, mas o discurso, considerando o movimento deste (dialética), de acordo com os mais diferentes contextos sócio-ambientais, assim como as ideologias que permeiam os sujeitos nos diferentes espaços. Afinal, “A língua é, (...), análoga às outras manifestações ideológicas...”. (BAKHTIN, 2006).

Considerando o objetivo que pretendemos alcançar com a pesquisa, trabalharemos com a análise do discurso, uma vez que, considera-se este, um método primordialmente rico na busca por interpretar sentidos, pois essa forma de análise não se esgota no mero discurso por si só, mas devem-se considerar inúmeras questões básicas, pois leva-se em conta, de acordo com Brandão (2002:20). “os dados da realidade, que são os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de existência, aquelas que já encontram à sua espera, e aquelas que surgem com a própria ação”.

Para Orlandi:

A análise do discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: como o estudo do discurso observa-se o homem falando.

Na análise do discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história. (Orlandi, 2012:15)

Além disso, o discurso não pode ser analisado da forma tal como fora falado, pois nas verbalizações pode conter o que Charaudeau e Maingueneau (2008: 29-29), definem:

Na análise do discurso, pode-se falar de ambigüidade discursiva quando ela se localiza não no sentido das palavras do léxico nem na construção frástica, mas no sentido \*implícito. Com efeito, um mesmo enunciado pode ter uma significação diferente de acordo com a \*inferência produzida pelo intérprete (...). O fenômeno de desambiguação consiste, conseqüentemente em produzir inferências\* que, apoiando-se em índices contextuais e no saber previamente registrado na memória, constroem os implícitos previstos pelo sujeito falante. Esse fenômeno está ligado à implicitação e a explicitação\*.  
(*sic*).

Ou seja, não há possibilidade de se fazer análise do discurso sem considerar as inferências do momento, assim como as interferências sócio-ambientais do sujeito, sob pena de não se conseguir obter as informações mais precisas, mas sim distorcidas, se não, equivocadas. Afinal, como nos firma Brandão, 2002: 11:

A linguagem não pode ser encarada como uma entidade abstrata, mas como o lugar em que a ideologia se manifesta concretamente, em que o ideológico, para se objetivar, precisa de uma materialidade.

Ou seja, não se faz análise do discurso de maneira superficial, porque não se trata de analisar somente a linguagem proferida, mas deve-se considerar toda a herança ideológica presente nas palavras do indivíduo do qual se faz a análise. Nesse sentido, pretende-se fazer uma busca, na perspectiva de compreender, principalmente através do discurso, que visão o corpo docente de um estabelecimento de ensino têm sobre a temática aqui aborda, considerando também a gestualidade comunicativa, que para Charaudeau e Maingueneau (2008):

A **gestualidade comunicativa** compreende qualquer movimento corporal (gesto propriamente dito, mas também postura, olhar ou mímica) que sobrevém no decorrer de uma interação é perceptível pelo parceiro daquele que o produz (seja o gesto interacional ou não)...

Considera-se que a concepção, a valorização que educadores têm da educação ambiental, pode denunciar a visão dos mesmos em relação ao ambiente em que estamos inseridos como parte integrante.

As entrevistas realizadas na pesquisa foram transcritas e analisadas para a identificação de categorias que possam facilitar a compreensão dos resultados alcançados com a pesquisa, que tem como objetivo investigar a percepção, compreensão e, portanto a concepção que educadores têm a respeito da Educação Ambiental, compreendendo o indispensável valor desta educação para as futuras gerações, considerando o legado que as gerações anteriores nos deixaram.

## **1.2- A RELAÇÃO DO HOMEM COM A NATUREZA**

A relação de exploração do homem para com a natureza não foi percebida somente na atualidade, anterior a modernidade já se observava os pontos negativos do avanço civilizatório, como o é o caso de Jean-Jacques Rousseau, que viveu entre 1712 e 1778.

As idealizações de sociedade romanticamente feitas por Rousseau têm grandes contribuições, pois apesar das críticas levantadas por alguns filósofos quanto à concepção de homem primitivo teorizada por Rousseau, sua visão de sociedade civilizada se mostrou, no decorrer do tempo, que não estava errado, uma vez que este filósofo não desconsiderava as conquistas úteis da civilização, nem queria reduzir os mais altos valores humanos. Entretanto, criticava os abusos causados pela perda de consciência causada pela adoração da consciência e da cultura. Apesar da defesa às atividades livres de pressão, reconhece o valor da arte e da ciência.

Para Rousseau, a natureza não deve ser entendida pela razão, mas sim pelo sentimento, uma vez que, para o espírito romântico deste autor, a natureza existe dentro de cada ser humano, o que o descaracterizava como filósofo, com os quais ele se contrapôs, negando-se a ser chamado como tal, justificando:

“Vi muitas pessoas que filosofavam muito mais doutamente do que eu; mas sua filosofia parecia, por assim dizer, estranha... Estudavam o universo como teriam estudado qualquer máquina que tivessem visto

por curiosidade. Estudavam a natureza humana para poder falar sabiamente dela, não para conhecerem-se a si mesmos.” (Rousseau,1999 ).

Sua visão negativa da civilização, tem fundamento no método indutivo de Bacon (1561-1642), na metodologia experimental de Galileu (1564-1642), na física de Newton (1642-1727) e no empirismo de John Lock (1632-1704). Esses filósofos teorizaram com base na racionalização, não permitindo a intervenção dos sentimentos, que para eles poderia distorcer a precisão dos seus estudos experimentais.

Este filósofo, não no sentido estrito da palavra, viveu apaixonadamente, não no sentido abstrato, mas no campo da realidade. A oposição aos filósofos era questão de honra, não de teoria abstrata. Valorizando o sentimento em detrimento da razão intelectual, a natureza mais profunda do homem e prol do artificialismo civilizatório.

Outro exemplo á ser citado por observar e teorizar sobre a relação do homem com o ambiente é o de Marx e Engels

Ainda no séc. XIX Marx e Engels problematizaram as relações de produção evidenciadas no sistema capitalista e já percebiam as conseqüências dessas relações de exploração da natureza, pelo homem. Pois nesse sistema, o homem deve ser separado do seu habitat natural, como uma forma de separação do trabalho livre das condições de sua efetividade, para dela retirar recursos e modificá-los.

Foi dessa forma que o capitalismo destruiu a pequena propriedade, para adquirir fortaleza, tornando a natureza uma fonte fornecedora de recursos para o benefício humano, priorizando o conforto destes. Nesse processo de externalização, o homem se afasta do seu objeto de exploração, configurando a separação para subordiná-lo.

No processo de modificação da natureza, o homem modifica-se paralelamente. Na lenta transição em que os homens se tornaram, de nômades à sedentários, a forma de se modificarem dependia de vários fatores, as “condições externas” e de seu caráter tribal, afinal, o processo pelo qual o homem transforma-se não ocorreu rapidamente, pelo contrário, se deu de forma muito lenta.

Ao afastar-se, o homem se apropria da terra, como parte segregada desta. Nesse mesmo processo, o homem passa a se apropriar do ambiente, privatizando partes do espaço, onde todos conviviam partilhando praticamente as mesmas experiências.

Neste caso, é necessário entender que, se o processo de privatização dos espaços ambientais não ocorre de forma repentina, tampouco uma mudança nas relações sociais será um processo rápido, não sendo suficiente, entretanto, acabar com a propriedade privada, mas a mudança tem que acontecer nas relações sociais.

Ao refletir sobre o homem, a produção e a riqueza, Marx questiona:

O que é a riqueza, despida de sua estreita forma burguês, senão totalidade das necessidades, capacidades, prazeres, potencialidades produtoras, etc., dos indivíduos, adquiridas no intercâmbio universal? O que é, senão o pleno desenvolvimento do controle humano sobre as forças naturais- tanto as suas próprias quanto as da chamada natureza? (apud Morrone e Machado, 2010).

Em contraposição às observações feitas por Rousseau, Marx e Engels, Descartes, que viveu entre 1596 e 1650, não viu as relações sociais e ambientais da mesma forma que os demais, pois tinha diferentes influências objetivas no mundo.

Descartes, um brilhante matemático e filósofo, após ter uma visão, acreditou que Deus o escolhera para que desse um novo rumo à ciência, que até então levava em consideração crenças da divindade e de organicidade. Este filósofo acreditava na existência dissociada da mente e do corpo, de forma que um poderia existir sem o outro. Para ele, o “pensamento” é a parte responsável pelo raciocínio, enquanto que a “extensão”, que é o corpo, é responsável pelas demais partes do ser, os sentimentos. Pelas suas idéias inovadoras de mundo, foi considerado o pai da modernidade, por suas contribuições nessa nova forma de ver o ambiente. Para Descartes, que presenciou a criação do relógio mecanizado, o corpo humano se assemelha a um desses objetos, funcionando de acordo com a programação, em sua opinião, o corpo humano é apenas uma máquina, que funciona somente até certo ponto, barrando nas limitações.

Para Descartes, o conhecimento só poderia ser científico se passasse por um processo de comprovação, que se dá matematicamente quantificado, sendo que, para tal medição, considerava necessária a fragmentação, a dissecação, analisando as partes para compreender o todo, considerando primordialmente a racionalização, deixando de lado qualquer sentimento, sensação ou impressão. A humanidade passava por uma profunda mudança de paradigma, deixando de lado a relação orgânica ou sagrada com a natureza, para tornar-se uma relação mecanizada, que de maneira gradual, foi sendo empregada em todos os aspectos, nas diversas relações entre homem-homem e homem-ambiente. Essa é parte da herança de Descartes.

## **2- AS DIVERSAS CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Os conceitos de Educação Ambiental (EA) são amplos e complexos, uma vez que partem de valores subjetivos, sociais e da desconstrução de toda uma forma de educação que nos levou a pensar e ver o mundo de forma totalmente fragmentado, isoladamente, sem fazer relação entre todas as coisas existentes, entretanto, tal relação não pode ser negada, uma vez que existe, embora o modo de conceber, baseado no modelo cartesiano, o que indica um modo que desconsidera as características particulares de tudo e todos, em prol da comprovação científica, que para Descartes só era possível através da dissecação, da fragmentação... tenha sido “aceita” como verdadeira, essa forma de posicionamento no ambiente tem se mostrado insuficiente para abranger e explicar a complexidade da natureza como um todo. A Educação Ambiental surge nesse contexto como uma luz que pode possibilitar clareza onde ainda existem dúvidas, pois visa promover e explicar aos membros da sociedade a situação de crise ecológica, chamando a atenção para a inter-relação entre tudo e todos que existem no ambiente, e com o homem não é diferente, não deve ser diferente no sentido de que não deve haver sentimentos superioridade deste, uma vez que faz parte da natureza.

Para Castro (2009: 173), A educação ambiental constitui uma área de conhecimento interdisciplinar, em razão dos diversos fatores interligados e necessários ao diagnóstico e à intervenção que pressupõe. Nesse sentido, a educação ambiental não pode ser concebida apenas como um conteúdo escolar, pois implica uma tomada de

consciência de uma complexa rede de fatores políticos, econômicos, culturais e científicos.

Tozoni- Reis (2004) apresenta diferentes concepções acerca da Educação Ambiental, indicando que não existe apenas uma concepção em relação a mesma, dentre as várias definições, estão:

a- Para o Ministério do Meio Ambiente- MMA

“Educação Ambiental é um processo permanente, no qual os indivíduos e a comunidade tomam consciência do seu meio ambiente e adquirem conhecimentos, valores, habilidades, experiências e determinação que os torna aptos a agir- individual e coletivamente – e resolver problemas ambientais presentes e futuros.”

b- A autora também cita a concepção do Conselho Nacional de Meio Ambiente (CONAMA)

“A Educação Ambiental é definida como um processo de formação e informação orientando para o desenvolvimento da consciência crítica sobre as questões ambientais, e de atividades que levem à participação das comunidades na preservação do equilíbrio ambiental.”

c- Já para o Instituto Ecoar: Para a cidadania, uma organização da sociedade civil de interesse público, fundado em 1992, com sede em São Paulo, logo após a Conferência das Nações, é formado por estudiosos e ambientalistas. Esse órgão tem o objetivo de atuar em questões ambientais emergentes, contribuir com a construção de sociedades sustentáveis e influenciar políticas públicas socioambientalmente corretas:

“O conceito de Educação Ambiental é complexo, abstrato e dificilmente compartilhado, porque não está abrangentemente explicado. Pode ser vista como uma forma de intervenção na problemática ambiental mediada por projetos definidores de programas educativos. A Educação Ambiental envolve-se na formação das pessoas na busca da utopia que significa oportunidade de reinvenção do compromisso com a emancipação. A Educação Ambiental é um processo continuado, permanente, com estratégias específicas desenvolvidas pelos seus participantes, incluindo a sobrevivência econômica, comunitariamente articulada. Assim, o bairro, a microbacia, o ambiente urbano articulam a cidadania, base do desenvolvimento sustentável. A prática da Educação Ambiental deve objetivar a ser perpassada pela intencionalidade de promoção e pelo incentivo ao desenvolvimento de conhecimentos, valores, atitudes, comportamentos e habilidades que contribuam para a sobrevivência –

a nossa e de todas as espécies e sistemas naturais do planeta –, a participação e a emancipação humana.”

d- Para a Secretaria de Meio Ambiente de São Paulo:

“[...] a Educação Ambiental compreendida como o espaço onde se engendram relações sociais resultantes de um passado instituidor que, atualizando o presente, faz emergir as referências para futuras ações educativas no campo das políticas públicas de meio ambiente. Significa, ainda, desvelar para a sociedade experiências e propostas de Educação Ambiental, em tempos diferentes, muitas vezes até conceitualmente divergentes, mas, todas, reveladoras de um nexos comum com as conjunturas política, social, econômica e ambiental vivenciadas.”

e- Ela cita ainda a opinião representada pela Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável- MG:

“A Educação Ambiental deve ser direcionada para a compreensão da busca de superação das causas estruturais dos problemas ambientais por meio da ação coletiva e organizada. Segundo esta percepção, a leitura da problemática ambiental deve se realizar sob a ótica da complexidade do meio social e o processo educativo deve pautar-se por uma postura dialógica, problematizadora e comprometida com transformações estruturais da sociedade, de cunho emancipatório. Neste sentido, acredita-se que, ao participar do processo coletivo de transformação da sociedade, a pessoa estará, também, se transformando.”

f- Para representantes da ONG sócio-ambientalista sem fins econômicos, sediada em Viçosa (MG) Rede Ambiente, fundada em 1999 por professores pesquisadores e profissionais liberais.

“A verdadeira Educação é ambiental em sua essência, uma vez que o planeta não é uma somatória de sujeitos isolados por redomas... Sua tônica deve ser a de conectar as várias áreas do conhecimento, com noção de encadeamento dos fatos. E que o aprendizado se concretize em mudança de comportamento, por adoção de uma nova filosofia de vida. Que as pessoas possam se conscientizar de seu papel na engrenagem e da importância e consequência de suas ações.”

g- Para a ONG Vidagua, Instituto ambiental fundado em São Paulo, que tem como objetivo promover o equilíbrio da sociobiodiversidade:

“O conceito de Educação Ambiental foi mudando ao longo do tempo. Inicialmente relacionado à idéia de natureza e o modo de percebê-la, tem se acentuado a necessidade de levar em conta os vários aspectos

que interferem nas situações ambientais, incorporando as dimensões socioeconômica, política, cultural e histórica de uma população.”

h- E para o Portal Ambiente Brasil, que oferece informações online, sugerindo soluções para os problemas no meio ambiente:

“A Educação Ambiental se constitui numa forma abrangente de Educação, que se propõe atingir todos os cidadãos, através de um processo pedagógico participativo permanente que procura inculcar no educando uma consciência crítica sobre a problemática ambiental, compreendendo-se como crítica a capacidade de captar a gênese e a evolução de problemas ambientais.”

A autora não só esclarece que há uma multiplicidade de visões em relação a Educação Ambiental, revela também que mesmo entre ambientalistas, não há homogeneidade, uma vez que, mesmo nesse aspecto existem diferentes formas de concepção, por haver diversos interesses em torno dessa temática, o que pode não ser compreendido de antemão por professores, que supostamente pretendam trabalhar com o tema.

Quintas (2009: 57) problematiza:

Neste contexto, que concepção de educação ambiental deve ser assumida para tornar viável a intervenção qualitativa, coletiva e organizada dos grupos sociais, principalmente daqueles historicamente excluídos, nos processos decisórios sobre a destinação dos recursos ambientais?

O autor questiona, então, a negação da cidadania plena para a maioria dos brasileiros, problematizando que este fato dificulta muito a prática de uma educação ambiental crítica, transformadora. Essa negação da cidadania, citada também por Santos (1993), é desumana, o mesmo esclarece ainda que para se obter a cidadania, o sujeito deve ser respeitado, possuir voz e participação ativas, sendo também cumpridor dos seus deveres. Entretanto, o desrespeito aos indivíduos é tão gritante e sutil que grande maioria dos sujeitos nem sequer percebe que não têm seus direitos garantidos, negados, ou seja, vive em situação de negação da cidadania.

Uma vez que não goza plenamente dos seus pseudo direitos, isso contribui para que as pessoas aprendam a agir somente por interesses particulares, imediatos, não

conseguindo pensar e decidir coletivamente, quando é necessário que tal aconteça, ocorre de forma desarticulada e despolitizada, prejudicando as tomadas de decisões em conjunto, o que dificulta avanços da classe dominada. Além disso, Quintas (2009) também aponta que esse não reconhecimento de si mesmo enquanto cidadão pode ocasionar no sentimento de incapacidade para que se tenha qualquer atitude contrária ao que se espera de um bom “cidadão”, aquele que cumpre suas obrigações conformadamente e não recorre nunca do que lhe é dito.

Além disso, existem também as contradições em torno da Educação Ambiental, que, aliás, não é própria da atualidade, mas atenções para com o meio ambiente existem há muito tempo, porém, somente após a constatação do poder total de destruição do homem, demonstrado com a explosão das bombas sobre Hiroshima e Nagasaki, em 1945, foi que surgiu o movimento ambientalista, esse surgimento foi marcado principalmente com a publicação da obra: Primavera Silenciosa de Rachel Carson, em 1962. A obra foi acompanhada por críticas, já que não convinha para o capitalismo admitir que a autora pudesse ter razão quanto às atividades realizadas pelo homem que contribuíam para a degradação do ambiente.

## **2.1- A EDUCAÇÃO AMBIENTAL HISTORICAMENTE**

Na obra publicada por Carson (1962), a autora faz corajosas denúncias de práticas degradantes da natureza, denúncias essas que enfrentaram críticas e reprovações. Ainda assim, Rachel Carson publica em sua obra cartas supostamente produzidas pela própria população americana, que se vê repentinamente atingida diretamente com a utilização de inseticidas muito venenosos, de forma que não matavam apenas insetos, no entanto, se inspirados por muito tempo por humanos, estes não só contrairiam problemas respiratórios, câncer e também deficiência mental, mas poderiam morrer. A utilização de DDT fora cancelada dez anos após a publicação da obra, que ironiza o silêncio em que a primavera passou a chegar, em consequência das mudanças no ambiente, que se pôde perceber pela morte de pássaros e vegetações antes tão presentes naquele ambiente.

Em uma das cartas publicadas por Carson, a autora denuncia mazelas ambientais referentes morte de animais que acontecem cada vez com mais freqüentemente.

Aqui no nosso povoado (escreve uma dona de casa ao Departamento de Aves do Museu Norte- Americano de História Natural) os olmos vêm sendo pulverizados há muitos anos (escreveu ela em 1958). Quando nos mudamos para cá, a terra era rica em aves; instalei um alimentador, que passou a receber um fluxo regular de cardeais, chapins e pica-paus negros e cinzentos por todo o inverno, e os cardeais e chapins traziam seus filhotes no verão. Após alguns anos de pulverização com DDT, a cidade quase não tem mais pintaroxos e estorninhos; os chapins não têm vindo ao alimentador há dois anos e este ano os cardeais também sumiram; as ninhadas nas vizinhanças parecem se resumir a um par de pombas e talvez uma família de tordos. É difícil explicar às crianças que os pássaros foram mortos, quando elas aprenderam na escola que uma lei federal protege as aves de serem mortas ou capturadas. ‘Elas vão voltar algum dia?’ perguntam elas, e eu não sei o que responder. Os olmos ainda estão morrendo, assim como a coisa está sendo feita? É possível fazer alguma coisa? Será que eu posso ajudar? (CARSON, 2010, p. 96- apud FONTES, 2011).

Na citação acima é demonstrada a desorientação em que se encontrava a população americana com as mudanças no meio ambiente, presenciadas pela mesma. Esse sentimento de incompreensão não atingira apenas a sociedade americana, mas parcela considerável da população mundial, embora que muitas mudanças climáticas, como o avanço do aquecimento global sejam perceptíveis de forma lenta, não provocando desta maneira, grandes impactos na percepção humana, de maneira que, faltam respostas para muitas perguntas sobre as mais diversas questões.

A grande maioria da sociedade não encontra respostas para as causas da pobreza, que não é, diferentemente do que se acredita, com base no senso comum, a vontade de Deus, mas esse estado também está intimamente ligado a fatores que levam à degradação ambiental, tais como aqueles de ocupação e apropriação dos recursos naturais.

Com base na concepção de Rousseau (2012) foi justamente o sentimento de propriedade que deu origem às desigualdades, hoje tão latentes entre os seres humanos. Desigualdades que se aplicam a todos os âmbitos, causando diferenças, de acordo com as condições ambientais, para o autor:

O primeiro que, cercado um terreno, decidiu dizer “Isso é meu” e encontrou pessoas bastante simples para creditar nele, foi o verdadeiro fundador da sociedade civil...

Quantos crimes, guerras, assassinatos, misérias e horrores não teriam sido poupados ao gênero humano por aquele que, arrancando as estacas ou tapando o fosso, tivesse gritado aos seus semelhantes: “Não escutem esse impostor!” (ROUSSEAU, 2012:61)

A desigualdade também, diferentemente do que se acredita com no senso comum, não é o mesmo que pobreza, e essa questão, de acordo com Layrargues, (2009) encontra-se no Relatório de Desenvolvimento Humano de 2005. Neste documento se admite que embora a pobreza seja resultado de uma desigualdade, “pobreza e desigualdade não são sinônimos”, diferença sim, é sinônimo de desigualdade, apesar disso, a desigualdade não é somente econômica, e segundo o autor, apesar de alguns países admitirem que os acordos feitos na Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Social para tentar sanar as desigualdades não estão sendo cumpridos, ainda assim, as devidas providências para que esses acordos sejam efetivados não estão sendo tomadas.

Neste sentido as desigualdades continuam em vigência na sociedade, embora movimentos críticos ambientalistas venham tentando introduzir políticas de conscientização, batalhando por legalizações de medidas de preservação do ambiente, bem comum a todos.

A partir da percepção do quão degradante é a forma como vem se alimentando o desenvolvimento da sociedade humana, a relevância da Educação Ambiental vem sendo abordada em diversos eventos em todo o mundo, revelando que de certa forma há uma preocupação com o meio ambiente, embora geralmente essa preocupação nem sempre seja pela preservação do mesmo, mas sim consigo mesmos, a preocupação pode ser com as perdas de recursos que se pode ter, com a possibilidade de não haver, em pouco tempo, meios de manutenção do estilo de vida, para a manutenção da riqueza e a possibilidade da existência humana no planeta se tornar impossível pela ausência de meios que garantam essa sobrevivência.

Nesse contexto, o planeta no qual vivemos, tem passado por uma série de problemas ambientais, causados pela ação humana, esses problemas resultam nos inúmeros desequilíbrios ecológicos registrados, principalmente nos três últimos séculos. Esses problemas, que surgiram com o desenvolvimento desordenado, segundo Borges e Maciel (2011), estão diretamente ligados a degradação ambiental, pois toda e qualquer matéria-prima que é retirada do seu habitat natural, causa desequilíbrio pela sua ausência, uma vez que, a natureza é perfeitamente interligada, onde cada espécie

cumprir uma função diferente, de maneira que, sem intervenção, o ciclo da vida funciona harmonicamente, numa cadeia em que cada diferente espécie tanto da fauna quanto da flora precisa das outras para sobreviver.

Nesse contexto, se faz necessária a prática da Educação Ambiental, para que, possivelmente, se alcance de fato a sociedade sustentável, pois pretende-se, através dela incluir na educação convencional, moderna não só o adjetivo ambiental, por si só, mas o seu sentido para reflexão e possíveis práticas, que possam mudar o quadro degradante em que se encontra toda a sociedade.

## **2.2- A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO CONVENCIONAL**

A educação, a fim de contribuir de alguma forma com a temática das problemáticas ambientais atuais, tem adotado algumas medidas, que se dão, muitas vezes, por meio de atividades que envolvem o ambiente, a natureza, porém, essas medidas nem sempre têm se mostrado eficazes, uma vez que as ações, realizadas pela escola, na sua maioria, são paliativas, não discutindo realmente o problema, mas pregando um discurso superficial, preservacionista, do tipo: “Preserve o meio ambiente”, Jogue o lixo no lixo, etc. considerando, geralmente, somente as florestas como meio ambiente, tal posição não tem fundamento em comparação com as práticas realizadas no seu interior, mantendo uma separação entre ambiente civilizado e ambiente natural. Essa questão revela que a educação necessita ser repensada, reavaliada, pois na medida em que a humanidade se desenvolve, “aperfeiçoa”, passa por um processo de mecanização do meio e de si próprio, que se inicia em velocidade lenta, tomando, posteriormente proporções gigantescas, pois a rapidez desse processo tem aumentado cada vez mais, causando, em contrapartida um processo de alienação, no sentido de <sup>1</sup>“sair de si” não só por tentar

---

<sup>1</sup> O conceito de alienação, etimologicamente vem do latim alienare, alienus, que significa “que pertence a outro”, transferir para outrem o que é seu. Em Hegel surge o conceito de alienação, e se refere ao momento em que o espírito “sai de si” e se manifesta na construção da cultura. (ARANHA e MARTINS ( 1993: 11).

negar a própria natureza, mas também por não respeitá-la, enquanto espaço, ambiente comum a todos.

Entretanto, para Grun (1996: 22), se mantivermos os atuais valores sociais, essa sociedade é insustentável, podendo dessa forma, permanecer, caso esses valores não sejam re-configurados, ocasionando em diferentes formas de agir no meio, não mais degradante como tem sido até então no planeta.

Mas afinal, como educar para a convivência em um ambiente do qual fazemos parte? É exatamente por sermos parte deste ambiente que não deveria haver degradação exacerbada como é o caso. Entretanto, no decorrer do tempo, o ser humano fundou, através das suas ações no meio, a necessidade de uma educação para a convivência mais próxima com o meio natural do qual somos parte.

Tozoni- Reis (2004) defende que não há possibilidade de se educar sem se fazer menção ao ambiente, uma vez que em tudo e todos fazem parte do meio em que estamos inseridos, por isso a autora afirma que não há como ser possível essa prática.

No entanto, a relação entre o ser humano e o ambiente, nem mesmo tem sido problematizada na educação moderna, embora nem sempre se admita, e por ser necessário, o adjetivo ambiental foi incluído ao termo educação, no sentido de que até então o meio não está integrado à educação. Não que o termo ambiental, por si só possa resolver as problemáticas vivenciadas em consequência da ação humana no espaço por ele mesmo ocupado.

Ao perceber a ausência de limites no processo de exploração da natureza pelo homem, movimentos ambientalistas trouxeram, desde a década de 1970, uma nova discussão e propostas de relação entre a sociedade humana e o ambiente, ressaltando uma visão que não considera a natureza como mera fornecedora de recursos para negociação no mercado, em contrapartida, sugere que não nos relacionemos mais de forma predatória para com a mesma, mas sim respeitando o ambiente do qual fazemos parte.

Essa relação de respeito com a natureza, tirando dela somente o suficiente para a sobrevivência, o que não significa o retrocesso civilizatório, mas a conscientização do respeito que se deve ter para com o meio, é o ideal, porém, não é real.

Um exemplo claro da forma de vida equilibrada nas relações com o meio é a indígena, que tem, na maioria das comunidades, uma relação de proximidade e valorização da natureza. Terena (1992) demonstra seu desentendimento quanto ao modelo de desenvolvimento adotado pelo homem considerado branco. “Nós sabemos que alguma coisa está errada com o chamado desenvolvimento de vocês (...) “Precisamos dialogar entre a ciência de vocês e a nossa sabedoria da natureza- estamos tratando do futuro do planeta” (apud. SATO e CARVALHO, 2005). Entretanto, entre a ciência do “homem branco” e a indígena, não há diálogo, senão de exploração.

### **2.3- DEGRADAÇÃO: UMA QUESTÃO PARADIGMÁTICA**

Segundo Falone (2008), as questões que geram a degradação ambiental têm uma causa que é o pivô, mas que às vezes não é tocada, ela justifica acreditar ser esta uma das causas da falta de ética nas relações do homem com a natureza e do homem com o homem, ser a causa da atual crise sócio-ambiental, esclarecendo que para os ambientalistas, otimistas, a educação ambiental é uma das formas de contribuir para que a humanidade possa agir ativamente para a recuperação do planeta, e que assuma, dessa forma, o compromisso de não mais se relacionar a natureza de forma degradante. A autora nos lembra que enquanto acontece o avanço da tecnologia, graças à modernização da ciência, a humanidade se apossa da natureza, promovendo a degradação, de maneira que cada vez mais se faz necessária a promoção de um senso ético, senso esse que a educação ambiental é capaz de divulgar.

Grun (2005), baseado em seus numerosos estudos, defende que o pivô da crise ecológica é o antropocentrismo, este autor também concorda que a os problemas ambientais não são apenas de ordem técnicos, mas também éticos políticos e epistemológicos. Além do conceito de holismo, o autor também fala sobre educação e ética na Educação Ambiental.

Dessa forma, Falone (2008) aponta a necessidade de uma educação ambiental consciente por parte de quem a faz, entendendo que educar é um ato político, com valores éticos, esclarecendo as problemáticas que o ser humano tem provocado ao longo de sua existência, pois disso depende o futuro de todas as espécies, bióticas e abióticas existentes no planeta.

Nesse sentido, o papel do professor tem se expandido cada vez mais, pois a função deste, ganha abrangência ao ser regulamentada a lei 9795/99, que torna a Educação Ambiental obrigatória no âmbito formal, assim como também nos âmbitos informais, apesar de não ter havido previamente uma preparação para que a atuação desses profissionais seja satisfatória, pois na educação formal, é o professor quem media o aprendizado para que realmente aconteça uma educação ambiental crítica, com o objetivo de mudar hábitos impensados da realidade de dominação do homem em relação a natureza.

Mas para que esse professor realmente possa educar criticamente, é necessário que ele próprio tenha consciência de suas ações, se atentando para questões ressaltadas por Freire: Reflexão, Temporalidade, Intencionalidade e Transcendência, (apud Loureiro, Layrargues e Castro, 2009) em harmonia com a prática efetiva da politização, uma vez que esta regula sua prática educativa.

Por esta razão, Tavares (2003) chama a atenção para o papel social do professor, defendendo a importância deste profissional perante a sociedade, com suas inesgotáveis mudanças. O autor defende ainda a importância da educação ambiental em todos os espaços sociais, buscando solucionar as problemáticas ambientais. Além disso, ressalta que esta educação precisa estar presente nas diferentes áreas do conhecimento, através da interdisciplinaridade, prática que requer conhecimento e disposição por parte dos professores.

A formação do professor ficou mais em evidência a partir da Conferência das Nações Unidas sobre o meio ambiente humano, uma vez que se admitiu a importância da atuação desse profissional- realizada em Estocolmo. Essa Conferência foi um evento mundial que reuniu 113 países, onde foi debatido, além da formação do professor, discutiu-se ainda questões como a promoção da visão global e orientação para a

conservação do ambiente comum à todos. Nesse evento orientou-se a fazer uma educação ambiental em que se promova a conscientização dos membros da sociedade.

O Brasil, no entanto, através de seus representantes, colocando-se totalmente em posição contrária a do motivo da conferência, demonstra não se importar com o preço da degradação desde que se aumente o PNB, pois só dinheiro, desenvolvimento é o que importa para os nossos representantes. As contradições não terminam por aí, pois os países em desenvolvimento acusam os industrializados de usarem a poluição como desculpa para evitar que os primeiros, na tentativa de evitar a possibilidade da igual competitividade.

É possível notar que o assunto faz-se presente em vários outros eventos posteriores, como na Conferência intergovernamental sobre educação ambiental, organizada pela UNESCO, em cooperação com o Pnuma, realizada em Tbilisi. O evento tinha como objetivo principal promover a harmonia e o consenso, previstos e firmados no tratado produzido no mesmo evento pelos países participantes da conferência citada

Após a Conferência de Tbilisi, ocorreu uma série de fatos no Brasil à serem considerados como avanços no sentido ambiental, se comparar com as ações desenvolvidas até o momento, embora não se possa considerar que houve uma conscientização efetivamente suficiente por parte do governo, que criou o Projeto Natureza, no Rio Grande do Sul, através Secretaria de Educação do município. Nos cursos de Engenharia sanitária são incluídas as matérias de Saneamento básico e Saneamento ambiental. Nesse contexto, o Congresso Internacional sobre Educação e Formação Ambiental, foi um evento que tinha como objetivo a apresentação dos avanços e dificuldades da Educação Ambiental, pois havia sido planejado em Tbilisi que ocorreria. No entanto, os representantes do Brasil não apresentaram o relatório oficial.

Dessa forma, o Brasil tem caminhado em passos lentos no que se refere aos investimentos para efetivação da EA. Apesar disso, a legislação nacional garante a oferta desta dimensão educacional, como está previsto no artigo 11 da lei nº 9795/99, que garante: “a dimensão ambiental deve constar dos currículos de formação de professores, em todos os níveis e em todas as disciplinas” (Brasil, 1999), no mesmo

artigo, parágrafo único, diz que o professor deve receber formação complementar em sua área de atuação. Mas afinal, se esta questão já está garantida em forma de lei, o que acontece para que, na prática, as coisas nem sempre aconteçam perfeitamente como exigido pela legislação?

Segundo Dias e Maciel (2011), apesar da garantia na lei e das atenções terem se voltado para essa profissão, principalmente após a Conferência de Estocolmo, na década de 70, os professores ainda sentem dificuldades em trabalhar a temática da Educação Ambiental, por diversas razões, um dos motivos é a falta de estrutura no ambiente de trabalho. Para Júnior (2003), os educadores, por não estarem preparados devidamente, podem não atribuir o suficiente, por não dar, muitas vezes, a importância necessária para o tema, minimizando-o, restringindo-o ao livro didático, que por sinal trabalha superficialmente essa questão, tudo isso contribui para que a educação ambiental seja vista apenas em datas comemorativas, muito diferentemente do que propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais.

As autoras alertam para o fato de que estamos em uma sociedade na qual as influências da concepção cartesiana de mundo, e do ser ainda predomina, prevalecendo como foi pensada há tempos, mas re-configurada constantemente. Na prática, a divisão das disciplinas e a maneira de ver a realidade, ainda permeiam o processo educacional, influenciando diretamente as vivências escolares. Mas com base na lei 9795/99 a Educação Ambiental não deve ser trabalhada como uma disciplina explícita, separada das demais do currículo, mas de maneira integrada com as disciplinas do currículo, essa prática poderia ser ainda mais fácil nas séries iniciais, pois nesse momento cada professor se responsabiliza por uma turma de educandos, no ensino fundamental maior, são vários professores, o que pode configurar uma dificuldade, considerando o afastamento que às vezes afeta o corpo docente escolar.

Como já se sabe, é por uma necessidade urgente da humanidade que surge a Educação Ambiental, com o intuito de contribuir para a educação, no sentido de amenizar e até mesmo extinguir os atuais problemas ecológicos, combatendo a grande demanda de desastres ambientais que começavam acontecer visivelmente na sociedade, em grande parte pela perda do respeito para com o meio natural em que habitamos.

Medina (2008) relata em um breve histórico alguns fatos, lembrando como ocorreu a inserção da educação ambiental na sociedade humana, informando que mesmo antes dos anos 70, já se via vestígios sobre a necessidade de defender o Meio Ambiente, como também nos mostram Morrone e Machado (2010), ao fazer uma análise das obras de Marx e Engels, principalmente das obras: *Crítica ao programa de Gotha* (Marx) e *Sobre o papel do homem na transformação do macaco em homem* (Engels), percebem questões relevantes à educação ambiental, principalmente nas abordagens críticas e emancipatória, isso ainda no séc. XIX.

Os autores enfatizam que apesar de os dois filósofos terem discordâncias, partilhavam ideologias e utopias semelhantes, sendo que mais concordavam do que discordavam. Para os autores, os conceitos de Marx e Engels precisam ser contextualizados, pois os mesmos tiveram erros e acertos, mas viveram em uma época de certa forma diferente, além do mais, foram humanos e não deuses. Apesar disso, mesmo no séc. XIX, já percebiam que a natureza estava sendo demasiadamente explorada pelo homem por motivos capitalistas, apesar de também ser natureza.

De acordo com os autores, para Marx, um dos pressupostos do capitalismo é “a separação do trabalho livre das condições objetivas de sua efetivação - dos meios e do material de trabalho. Isto significa, acima de tudo, que o trabalho deve ser separado da natureza enquanto seu laboratório natural” (MARX, 1986, p.65). Ao se afastar da natureza, de acordo com Marx, o homem conseguiu produzir riquezas, mas essas não foram divididas entre todos. Nesse processo de externalização e posteriormente a transformação do meio, o homem também transforma a si mesmo.

Marx, muito bem embasado, faz críticas a uma determinada afirmação feita em um programa elaborado pelo Partido Operário Alemão, liderado por Lassalle<sup>2</sup>, que afirmava que o trabalho era fonte de toda riqueza, a resposta de Marx em 1875 foi:

---

<sup>2</sup> **Ferdinand Lassalle**, nascido em [Breslau](#) em [11 de abril](#) de [1825](#), é considerado um precursor da [social-democracia alemã](#). Foi contemporâneo de [Karl Marx](#), com quem esteve junto durante a [Revolução Prussiana de 1848](#). Combativo e ativo propagandista dos ideais [democráticos](#).

Na ocasião, 1875, Marx e Engels posicionaram-se contra o Programa de Gotha, liderado por Lassalle, por diversas razões, dentre elas o conteúdo e forma, além disso, discordaram das afirmações feitas no programa, enfatizando a suposta “ajuda do Estado” livre e democrático. Coube a Marx escrever a *Crítica ao programa de Gotha*, discordando veementemente de posicionamentos exibidos no mesmo. FONTE: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand\\_Lassalle](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_Lassalle).

O trabalho não é fonte de toda riqueza. A natureza é a fonte dos valores de uso (os valores de uso são, de fato, a riqueza real!) tanto quanto o trabalho, trabalho que é expressão de uma força natural, a força de trabalho do homem. Esta frase repisada encontra-se em todos os manuais, e só é verdadeira se for subentendido que o trabalho é anterior, e é executado com todos os instrumentos e procedimentos que o acompanham. Mas um programa socialista não pode permitir que essa fraseologia burguesa omita as condições que, só elas, lhe podem dar sentido. Só enquanto o homem se coloca, desde o início, como proprietário em relação á natureza, a fonte primeira de todos os meios e objetivos de trabalho, e a trata, como se ela (a natureza) lhe pertencesse, é que o seu trabalho se converte em fonte de valores de uso e, portanto, em fonte de riqueza. ( apud, Morrone e Machado, 2010).

Os autores se referem ainda às contribuições de Engels para a educação ambiental, apesar de não haver, no contexto da vida do mesmo, se falado neste termo, tal qual é falado nos dias atuais. Em sua obra de 1875, *Papel do trabalho na transformação do macaco em homem*, podem-se notar grandes semelhanças em seu posicionamento com o de Marx, para Engels, os homens diferentes dos animais modificam a natureza e a obriga a servi-lo, mas tal “superioridade” promoveu o descuido e conseqüentemente a provável destruição desta.

Em um processo gradual o ambiente natural foi sendo transformado, surgindo então o ambiente humano, modificado e necessitando, criado pelo homem e precisando desesperadamente superar sua forma original, mas essa separação e superação não fora bem-sucedida, da forma e velocidade como vem ocorrendo, uma vez que tem levado o ser humano a uma possível autodestruição. Dessa forma, a humanidade precisa de alguma maneira resgatar uma relação mais harmônica com as demais espécies existentes na fauna e na flora, pois a degradação acontece desde o momento em que o homem se externaliza da natureza, isso é perceptível ao notar que há mais de três séculos, ocorrem episódios envolvendo problemas ambientais.

Mas até então não havia surgido o interesse de se fazer educação ambiental, ou pelo menos não com objetivos claros de promover uma relação mais harmônica do homem com a natureza. Este surge, a priori com objetivos semelhantes aos de um movimento conservacionista que tinha a preocupação de preservar apenas alguns recursos naturais da exploração da natureza pelo homem. Porém, este movimento inicial

não enfatizava profundamente a questão das problemáticas ambientais, o que permitiu a permanência do paradigma desenvolvimentista.

Ainda segundo Medina (2008), só depois de muito tempo do surgimento dos movimentos ambientalistas, a princípio preservacionistas, surge um movimento com mais força, por demonstrar uma visão mais global, alertando para a necessidade de se respeitar o ambiente, sob pena de a própria espécie humana não ter recursos para a sobrevivência em longo prazo, e é por haver essa preocupação que alguns países são levados a realizar, em 1972, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo. Nesse evento, fora gerado um documento com o mesmo título do evento, no qual os membros participantes sugerem a defesa e a melhoria do ambiente para as gerações presentes e futuras, tornando a Educação Ambiental uma ação pedagógica.

Em 1974, foi decidido, no Seminário realizado em Tammi, que a EA não deveria ser uma disciplina dissociada das demais, mas que perpassasse por todas as outras, sendo, dessa forma, a partir de então, um tema transversal, permeando todas as áreas de conhecimento. É nesse contexto que a efetivação de uma educação (ambiental) crítica se faz essencial ter como princípio base a mudança de paradigma, uma vez que na educação moderna o ambiente tem sido silenciado, pois na concepção de mundo almejado por essa nova educação problematiza-se que o modelo de desenvolvimento vigente é insustentável, embora essa palavra (sustentabilidade) seja, geralmente, muito proferida no discurso capitalista na contemporaneidade, não que exista, comumente, uma verdadeira preocupação, uma conscientização por parte dos principais causadores da degradação, do mau uso dos recursos naturais quanto à exploração praticada no modo de produção desenvolvimentista, mas para dar a impressão de que o uso desses recursos se dá de forma responsável, ou seja, que não causa danos ao ambiente.

Segundo Fernandez (2008), em suas pesquisas realizadas no Brasil, discute o sentido real da aplicabilidade da palavra Sustentabilidade, palavra essa que, de acordo com o autor, encontra-se “na moda”, o que, muitas vezes leva à tecnicização da mesma, tornando-nos insensíveis ao que de fato esta significa.

Esse autor defende ainda que Sustentabilidade é uma palavra perigosa, se falada levemente, como tem ocorrido, pois os resultados desse mau uso da mesma (fala-se

mas não se pratica) podem ser catastróficos para as gerações futuras, considerando que sustentabilidade possui diferentes significados, dependendo do interesse que se tem ao utilizá-la, pois “a noção de sustentabilidade tem vários sentidos ( é polissêmica)”, como afirma Quintas (2009). Ainda assim, atualmente tem-se utilizado essa palavra demasiadamente, como uma espécie de slogan para obter com mais facilidade credibilidade para a prática de exploração da natureza. Fernandez questiona como pode haver sustentabilidade nessas práticas de exploração se para as mesmas não são feitos, a priori, estudos avaliativos, a fim de analisar se realmente há possibilidades de extração de certo recurso em um dado local.

Para Quintas (2009) “trata-se de se colocar o discurso na prática, mostrando inclusive o quanto esta prática é leal à concepção enunciada”. Esses valores, de comprometimento e fidelidade entre o que se fala e o que se faz, influenciam na sociedade, formada por cidadãos, embora nem todos tenham voz e vez, o que revela a existência de indivíduos que não podem exercer a cidadania, por essa ser negada na sua efetividade, embora não conheçam seus direitos e deveres, são levados a pensar que são de fato cidadãos, convencidos por inúmeras razões, inclusive porque possuem o direito ao voto direto, que não deixa de ser uma conquista, mas por si só não garante os direitos sociais.

Nesse contexto, esse modelo em que o desenvolvimento é priorizado, mesmo insustentável, pois na medida em que se realiza a extração de recursos naturais de forma inadequada, sem planejamento, estudando as possibilidades de reconstituição daquilo que se retira de um local, não dando à natureza a chance de recuperação, não se pratica, dessa forma, ações sustentáveis, afinal, análise requer tempo e atenção, que no sistema vigente não se dispõe, essa afirmação de sociedade insustentável é comprovada, considerando os resultados já registrados por estudos realizados nas mais diversas situações.

Na concepção de Grun (1996, p.21): “como podemos ter uma educação ambiental, se desde o dia de nosso nascimento até o dia de nossa morte vivemos em um ambiente?”, a questão é que a educação praticada até então é para a produção, para o desenvolvimento desenfreado que, aliás, não é compatível com uma educação para a preservação, para a equidade.

Pereira et al. (2010) afirmam que a Educação Ambiental se fez necessária para uma possível mudança de atitudes, considerando que a própria espécie humana se encontra em perigo. Nesse sentido, o professor tem a missão de fazer um trabalho interdisciplinar, promovendo a facilitação do processo de aprendizado, e chamam a atenção para o fato de que nas pesquisas realizadas em lócus é notório o quanto há, por parte desses, muitas dificuldades em trabalhar com essa Educação, deixando para realizar atividades apenas em datas comemorativas afins, como o dia da árvore e na semana do meio ambiente. Esse despreparo docente pode ser resultado de inúmeros fatores. Sendo bem sutil, pode-se considerar que uma das questões seja por ser um tema novo e com a ausência de incentivos, não governamentais, não oferecendo a formação continuada necessária para que tenha uma consciência ambiental. Nesse aspecto, é possível que ocorra uma fragilidade na efetivação da inserção desse tema nos mais diversos ambientes, o que implica diretamente na resolução dos problemas ecológicos contemporâneos.

Apesar de toda a problemática complicadora da prática real da educação ambiental, é também necessária a reavaliação dos valores existentes e ensinados na sociedade, com base nisso, Quintas (2009) também contribui nesse sentido, afirmando que:

É fundamental, também, que a reiteração dos valores que caracterizam uma ordem social justa, democrática e sustentável, tais como solidariedade, cooperação em lugar da competição, respeito ao outro, diálogo, lealdade, respeito à diferença, respeito a todas as manifestações de vida, uso prudente e cuidadoso dos recursos ambientais, seja uma prática indissociável do cotidiano do processo pedagógico. (Quintas, 2009:74).

Apesar dessas necessidades, a educação ambiental acaba por ser, de certa forma, silenciada, como afirma Grun, (1996, p. 53) ao problematizar as áreas de silêncio do currículo da educação moderna, que por sua vez é baseado no modelo cartesiano, que quantifica, coisifica e que “coincidentemente”, as áreas do currículo que geralmente são silenciadas estão relacionadas com o meio ambiente - o que não representa qualquer impedimento para a inclusão de discussões sobre o tema nas demais disciplinas do currículo, uma vez que Educação Ambiental é um tema transversal-como a química e a

economia, disciplinas essas em que claramente seria possível a prática de temas sobre o ambiente.

O autor comenta ainda a incapacidade que o cartesianismo nos impôs de compreender as questões mais elementares referentes ao meio ambiente, do qual fazemos parte, o que dizer então da educação ambiental, que é uma prática para a qual é necessário ter clareza, como qualquer prática educativa, pois não se define só em educar para se preservar, vai além disso, interfere na visão de mundo, posicionamento político, uma vez que disso depende qual a educação ambiental se pretende praticar, para que objetivos e para quem, sabendo que qualquer ato educativo deve ser acompanhado de uma intencionalidade.

Considerando as diferentes vertentes da Educação Ambiental, Carvalho (2004) discute que para cada vertente da mesma, há diferentes endereçamentos, ou seja, é dirigida a diferentes grupos com divergentes concepções de mundo, a autora cita alguns exemplos, como: educação ambiental popular, crítica, política, comunitária, formal, não-formal, para o desenvolvimento sustentável, conservacionista, socioambiental, ao ar livre, para solução de problemas entre outras. Além disso, Carvalho cita também a necessidade se respeitar as escolhas dos outros, as concepções, uma vez que se trata de modos diferentes de ver a realidade. A única possibilidade inviável, de acordo com Quintas (2009), é a prática de uma educação ambiental neutra, uma vez que o autor descarta, assim como Freire, a existência de prática educativa desinteressada. Pois sendo a Educação uma ação política, o ato pedagógico será sempre portador de uma intencionalidade, seja de forma implícita ou explícita. Portanto, não há prática educativa neutra.

Dentre os vários posicionamentos existentes sobre o mesmo tema, Layrargues e Lima (2011) discutem as macro-tendências da Educação Ambiental, caracterizando que correntes estão intrínsecas em cada uma das macro-tendências, que são: a Conservadora, Pragmática e Crítica, onde estão contidas as correntes, que indicam diferentes posicionamentos em relação a mesma educação. Nesse viés, a educação ambiental possui marcas históricas e políticas desde a sua fundação, a primeira marca justifica a necessidade de se inserir o adjetivo ambiental em educação, a segunda marca, nesse caso, é a denominação que justifica a escolha política (correntes da EA)

determinada pela visão de mundo e pelos interesses construindo assim a educação ambiental vigente. Diversos autores também problematizam as várias correntes da EA, como Sato e Carvalho (2005), dentre outros.

Carvalho (2004) nos lembra ainda que as marcas ideológicas surgidas sobre o substantivo educação indicam que, na educação vigente, não existe menção ao ambiente, ou seja, há uma ausência gritante de problematização do mesmo, além disso, esta educação possui especificidades, dentre elas, o objetivo central da educação ambiental é, nas palavras da autora: "compreender as relações sociedade-natureza e intervir sobre os problemas e conflitos ambientais" e a educação ambiental crítica tem como foco "a formação do sujeito humano enquanto ser individual e social, historicamente situado."

No entanto, para Guimarães (2004), o fato de se re-nomear a educação ambiental, não significa que esteja havendo superação, no sentido de conquistas de resultados positivos, significa, pelo contrário, tanto que não foram alcançados resultados satisfatórios, no sentido de acabar a degradação desenfreada do ambiente, como também que a nomenclatura pode ter sido, por motivo de mau-uso, distorcida, despolitizada e que a necessidade de renomear, nesse caso, indica contraposição, oposição, pois se existe hoje uma necessidade de se denominar uma educação ambiental "crítica", é porque, certamente há outra que não é crítica. Da mesma forma que se fez necessária a existência uma educação que tenha como foco a conscientização da humanidade para o respeito ao ambiente, isso indica que existe uma educação na qual ambiente não é incluído.

Luck (2010) contribui afirmando que: "Uma mudança de denominação só é significativa quando representa uma mudança de concepção da realidade e de significado de ações, mediante uma postura e atuação diferentes." (Luck, 2010:47).

Ou seja, não importa o quanto se faça modificações de nomenclaturas, a necessidade que se faz urgente é que haja realmente uma tomada geral de consciência, com ética e respeito ao Ambiente e aos demais seres existentes.

## 2. 4- CONCEPÇÕES DE BACON NAS RELAÇÕES COM A NATUREZA

Na análise de Capra, (2012) a exploração da natureza está diretamente ligada à exploração da mulher, este autor se baseia na sabedoria chinesa, que tem princípio a teoria dos opostos YANG e YIN, que representam, respectivamente, o racional, masculino e o emocional, feminino, que não se esgota nos conceitos de gênero em si, mas nos opostos, que não indica aversão, pelo contrário, que se complementam. Esses opostos também não estão relacionados ao bem e o mal, nem que se deva considerar mais a intuição em prol da razão, ou vice-versa, mas que ambas se complementem enquanto partes integrantes de um todo, sendo que, ao considerar mais uma das partes em prol da outra, causa-se um desequilíbrio. Na humanidade, tem-se valorizado muito mais o Yang, que está relacionado ao masculino, que é racional, em detrimento do Yin, que se assemelha ao feminino, ao emocional, ao intuitivo. O emocional se sobrepõe ao racional, ou seja, a tendência é que ocorra o desequilíbrio social, desta forma:

A exploração da natureza tem andado de mãos dadas com a das mulheres, que têm sido identificadas com a natureza ao longo dos tempos. Desde as mais remotas épocas, a natureza- e especialmente a terra- tem sido vista como uma nutriente e benévola mãe, mas também como uma fêmea selvagem e incontrolável. Em eras pré-patriarcais, seus numerosos aspectos foram identificados com as múltiplas manifestações da Deusa. Sob o patriarcado, a imagem benigna da natureza converteu-se numa imagem de passividade, ao passo que a visão da natureza como selvagem e perigosa deu origem à idéia de que ela tinha de ser dominada pelo homem. Ao mesmo tempo, as mulheres foram retratadas como passivas e subservientes ao homem. Com o surgimento da ciência newtoniana, finalmente, a natureza tornou-se um sistema mecânico que podia ser manipulado e explorado, o que coincidiu com a manipulação e a exploração das mulheres. Assim, a antiga associação de mulheres com a natureza interliga a história das mulheres e a do meio ambiente e é a fonte de um parentesco natural entre feminismo e ecologia que está se manifestando hoje em grau crescente.

Essa comparação de natureza com as mulheres, segundo Grun, (1995), se faz presente nos escritos de Francis Bacon, referindo-se a algo que deveria ser explorada e até torturada para desvendar todo e qualquer segredo que essa tenha guardado.

A concepção de Bacon foi fortalecida pelo modelo cartesiano de ver e agir no mundo, além das contribuições de muitos outros cientistas como Galileu, Newton, para

os quais só através da quantificação a partir de minuciosos estudos, se poderia alcançar a verdade. Mas é necessário ressaltar que esses cientistas não foram necessariamente os fundadores do modelo de sociedade vigente, mas sim que eles foram estudiosos de contribuições relevantes para que hoje a sociedade tenha a visão da realidade que é levada a acreditar. Nessa visão, devemos generalizar também que a forma matemática de conceber o mundo se aplica a tudo, não se excluindo nem mesmo as relações familiares, sociais, em geral.

Essa concepção de natureza, como mera fornecedora de recursos, entra em atrito com outra forma de conceber o meio, oposta à visão que coisifica. Nesta concepção, pelo contrário, considera-se que a natureza é sagrada, intocável. Entretanto, em ambas, as formas de conceber o ambiente dispensam um meio termo, como reafirmam Loureiro, Barbosa e Zborowski, (2009):

A carga simbólica de *meio ambiente* é um exemplo, pois se encontra incorporada na sociedade bastante polarizada entre uma visão de uma natureza boa, bela e sagrada, e outra como mera fonte de recursos materiais e estéticos a ser dominada pela racionalidade instrumental. (Loureiro, Barbosa e Zborowski, 2009:94).

Os autores chamam a atenção para essa questão, esclarecendo que meio ambiente não é formado somente pelas florestas, mas é também tudo que existe no espaço físico ou não-físico, como nos lembra Santos (1989): “Nesse caso, o espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a natureza. O espaço é tudo isso, mais a sociedade.” (SANTOS,1989). Portanto, é necessário perceber que tudo e todos então inclusos no ambiente e devem ser levados em consideração.

Nesse viés, é importante perceber a importância de cada parcela da natureza, pois elas se complementam de forma quase inexplicável, mas se pelo contrário não levarmos em conta a ligação que temos da mesma, fechando os olhos para a realidade, com isso não há nenhuma contribuição que possa ser eficaz positivamente, muito pelo contrário, a humanidade, ao agir de acordo com a concepção mecanicista de Descartes, o desrespeito à natureza de Bacon, o cientificismo de Galileu, tem praticado mudanças

ambientais sem precedentes, essas mudanças tendem a causar prejuízos ainda maiores, do que já estão ocorrendo, prova disso é a grande quantidade de desastres ambientais vistos nos últimos séculos, como enchentes, furacões, vulcões, terremotos, derretimento das calotas de gelo, entre outros casos, que podem acontecer mais frequentemente. Tudo isso é causado pelo excessivo racionalismo presente no ser humano contemporâneo.

## **2.5- O PROCESSO DE EXPLORAÇÃO DA NATUREZA NO BRASIL**

No Brasil, a exploração da natureza foi sempre praticada, desde a sua invasão, quando tornaram-no uma colônia, os portugueses perceberam que aqui havia riquezas ainda não encontradas por outros países também exploradores. A partir de então, o Brasil vem sendo incessantemente devastado de todas as formas. Nesse contexto, os indígenas, que aqui habitavam, foram lesados e explorados, tendo que entregar todas as riquezas naturais, para os quais essas terras não tinham nenhum valor, no sentido econômico, os recursos da natureza eram usados por estes povos para a sobrevivência, não para negociação, visando lucro financeiro, como era a intenção dos portugueses que no Brasil chegaram para iniciar o processo de exploração.

O processo de exploração de alguns recursos, como o ouro e o pau-Brasil aumentou cada vez mais, sendo intensificada a devastação para o plantio de cana-de-açúcar, cafezais, etc. alcançando várias partes do Brasil, incluindo a Amazônia, por conter numerosos “produtos” de grande valor comercial, como as seringueiras. Nesse contexto, o Pará se torna um local muito visado por seringalistas, latifundiários, madeireiros, que querem lucrar com essas terras e toda riqueza vegetal e mineral que podem tirar delas. A terra amazônica, que teve um processo de ocupação incentivado pelo governo federal, que chamou a atenção do país para que se interessassem pelo local, foi palco de inúmeras disputas pelo direito à mesma. Nessas disputas, o pequeno agricultor, o trabalhador sem-terra e os defensores de direitos nas divisões territoriais, na maioria das vezes pagam caro, muitas vezes com a própria vida. Alguns dos casos mais conhecidos com este fim foram: no Acre, a luta e morte de Chico Mendes, seringueiro sindicalista, considerado o Gandhi das florestas, que não foi, considerando o fim de sua história de vida, um caso isolado no seu tempo, pois muitos outros casos tiveram o mesmo resultado negativo, mas suas contribuições foram registradas pela força de suas lutas.

Outro caso à ser citado é o da líder popular americana a missionária Dorothy Stang, assassinada em Anapu, Pará, por lutar pelos direitos junto à Comissão Pastoral de Terra por causas como a democratização da terra. A irmã Dorothy era uma ameaça para latifundiários, madeireiros e fazendeiros. O que dizer do casal de ambientalistas morto em Nova Ipixuna, Maria do Espírito Santo e José Cláudio Ribeiro da Silva, por denunciarem práticas ilegais de exploração de madeira por madeireiros na localidade. É necessário ressaltar a impunidade desses crimes por serem a mando de “poderosos”. Além disso, cabe lembrar que todos os casos de assassinato citados, foram sucedidos por ameaças de interessados em permanecer com a exploração da natureza para maior obtenção da lucratividade.

No município de Goianésia do Pará, o quadro de exploração não é diferente, aliás, este lugar é marcado por inúmeros conflitos e tragédias envolvendo a luta por territórios, pois a economia do município, que se encontra no sudeste do Pará, está fundamentada na exploração vegetal (indústria madeireira), no agronegócio.

Através deste estudo procurou-se investigar qual está sendo o ponto de vista de professores de uma escola pública sobre as necessidades da Educação Ambiental, entendendo a importância do papel deste profissional. Neste momento histórico, o professor tem a “missão” de preparar as novas gerações para o futuro delas e advertir para as consequências de se manter os maus costumes e valores modernos. Mas para que os professores possam participar ativamente dessa nova missão surgida por necessidade, é imprescindível que tenha, ele próprio, consciência da necessidade da Educação Ambiental. Foi com este intuito que me propus a investigar a concepção de educadores sobre a EA, para compreender em que patamar estamos, no que se refere ao tema abordado.

É nesse contexto que a escola Nelson Pereira Dias é fundada no ano de 2005, em razão da superlotação de outra escola de um bairro próximo, que atendia alunos de ambos os bairros e já não dispunha de espaço para comportar a demanda de alunos dos dois bairros. Segundo informações extraídas do Projeto Político Pedagógico (PPP) (2007) da referida escola, a mesma surgiu de uma parceria entre a prefeitura de Goianésia e um empresário da empresa Cikel, de quem o nome foi dado à escola. Este mesmo empresário é, supostamente um defensor do Meio Ambiente. Tal afirmação é no

mínimo contraditória e compreensível, afinal, não é fácil compreender que um empresário, de uma empresa que obtém lucratividade através da extração de madeira possa ser um defensor do meio ambiente.

Imagem I: Parte frontal da escola Nelson Pereira Dias.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Imagem II. Parte frontal da escola.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

A instituição pesquisada funciona ainda com carência em alguns aspectos, como a falta de cadeiras e mesas adaptadas para crianças da Educação Infantil, dificuldades com manutenção da xerocadora. Além disso, a horta da escola não é mais utilizada para

plantação de legumes e verduras. Apesar disso, a escola funciona normalmente, com os mesmos problemas educacionais de muitas outras escolas no país, como a implementação de programas do governo sem a devida estrutura, como é o caso do Programa Mais Educação, que além de não ter disponível espaço suficiente para funcionar devidamente, conta com muitos funcionários sem preparo necessário para desenvolver as atividades previstas no calendário do programa, o que pode ocasionar déficit no desenvolvimento dos educandos envolvidos no processo educacional. Esses funcionários não são responsáveis pelo próprio despreparo, porém, qualquer prática educativa necessita de intencionalidade para educar positivamente, de forma que não se pode improvisar nesse sentido. Ainda assim, situações continuam ocorrendo, demonstrando que há muito à ser modificado na educação brasileira.

### **3- DADOS DA ESCOLA:**

A escola na qual foi realizada a pesquisa possui os seguintes espaços:

#### **QUADRO I- ESPAÇO FÍSICO DA ESCOLA:**

---

01	Diretoria
06	Sala dos professores
01	Sala de brinquedos
01	Cozinha
01	Refeitório
04	Banheiros femininos
04	Banheiros masculinos
01	Área de recreação
01	Quadra poliesportiva
01	Horta

Imagem III: Horta da escola.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Imagem IV: Horta da escola.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

A escola enfatizada na pesquisa possui um amplo espaço para a manutenção da horta para o plantio de legumes e verduras necessários na alimentação. Entretanto, o local encontra-se abandonado, sem ao menos ser citado por qualquer membro da escola durante a realização do trabalho. Além disso, a horta poderia ser utilizada para os mais diversos assuntos apresentados em sala de aula, muitas vezes de forma desinteressante, como o processo de fotossíntese, a importância da água para as vegetações assim como para a vida, o valor de uma alimentação saudável, etc.

Imagem V: Construção da quadra poliesportiva.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Imagem VI: Construção da quadra poliesportiva.



Fonte: Arquivo da pesquisa.

Nas fotos acima é possível ver a construção da futura quadra poliesportiva da escola pesquisada, essa mesma construção já ocorre há algum tempo, acontecendo de forma prolongada, pois faz parte das obras que se encontravam paralisadas no município, sendo retomada há pouco tempo.

Na escola referida, há funcionamento em três turnos:

- Manhã;
- Intermediário;
- Tarde.

Atendendo as seguintes modalidades:

- Educação Infantil;
- Ensino Fundamental menor.

O quadro de funcionários da mesma escola é formado pelos seguintes cargos:

### QUADRO II- \*QUADRO DE FUNCIONÁRIOS

Diretora (01)	Coordenadora (01)	Orientadora (01)	Secretário (a)s (01)
Professores (21)	Auxiliar de serviços gerais (08)	Serventes X	Vigias/ Porteiro (02) / (01)

- \*O quadro de funcionários passa por modificações, entretanto, nos baseamos nesse PPP pelo fato de o mesmo ainda não ter sido atualizado para o ano de 2013, considerando que ainda passa por mudanças no quadro de funcionários.

### 3.1- SOBRE O OBJETO DE PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada com três professoras e a orientadora de uma mesma escola, tendo sido nomeada neste ano, (2013). Ambas são pedagogas, funcionárias efetivas, exceto a quarta entrevistada, professora D, que ainda não tem nível superior, atuando no Programa Mais Educação e substituindo quando necessário Uma das professoras, que será chamada aqui de professora B, é especialista em Educação Infantil.

No processo de observação na instituição, foi possível perceber alguns aspectos importantes à serem considerados nesta pesquisa, como a ausência de relação entre os conteúdos trabalhados com o ambiente, exceto por um pequeno cartaz exposto na sala de aula, onde se lê: Preserve o meio ambiente. Entretanto, o assunto, de fato não é trazido para as discussões (que, aliás, inexitem), para as aulas. Essa ausência de inclusão da temática ambiental pode ser explicada por vários fatores, um deles é o silenciamento ao qual submetida na educação moderna, fundada nos moldes positivistas.

A maneira de tentar captar a concepção que as professoras participantes da pesquisa têm de Educação Ambiental fora observadas com base em categorias de análise elencadas a partir das falas das mesmas. Fizemos entrevistas com as docentes

em diferentes momentos e individualmente, em suas horas-atividade<sup>3</sup>, para melhor analisar seus discursos, adotando, posteriormente a metodologia de observação das práticas das mesmas, na intenção de confrontar discurso e ação.

No Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola Nelson Pereira Dias ao qual não foi possível total acesso, mas apenas de pequena parte do documento, que deveria ser público, ao menos para a comunidade escolar, há indícios de uma preocupação em incluir a educação ambiental no espaço pedagógico, entretanto, a inclusão dessa temática ocorre apenas em datas específicas, como os Projetos de *Arborização*, *a Semana do Meio Ambiente*, datas nas quais são desenvolvidas atividades relacionadas ao meio, mas essas atividades não perduram para além dessas datas, o que denuncia a concepção da escola de educação ambiental. Essa reflexão é reforçada com o não fornecimento do Projeto como um todo, mas apenas a parte que seria supostamente é a que interessa para a pesquisa.

É perceptível no documento que existe a eleição de uma comissão para realizar projetos relacionados à temática ambiental na escola, o que indica que o tema pode não ser trabalhado de forma abrangente por todo o corpo docente em ação conjunta com a gestão, mas de forma isolada em épocas específicas do ano, quando seria necessário um trabalho permanente que discutisse buscasse a conscientização da sociedade, mas esta precisa começar com os próprios educadores, para obterem segurança no que se refere a Educação Ambiental.

Observou-se ainda, a existência de um amplo espaço onde havia a horta da escola, porém, o local não é mais utilizado com este propósito, permanecendo há algum tempo sem utilidade, nota-se aí mais um indício da consciência ambiental da escola.

### **3.2- ANALISANDO O DISCURSO DAS PROFESSORAS**

---

<sup>3</sup> A lei nº 11.738/2008 (art. 2º) garante que 2/3 da carga horária do professor deve ser direcionada para atividades de interação com os educandos. Logo, 1/3 da jornada será dedicado à preparação de aulas e às demais atividades fora da sala. Fonte: [HTTP://revistaescolapublica.uol.com.br/t3xtos/27/piso-e-hora-atividade-261561-1.asp](http://revistaescolapublica.uol.com.br/t3xtos/27/piso-e-hora-atividade-261561-1.asp).

Nas entrevistas realizadas com as professoras da escola pesquisada, entre as quais é possível notar semelhanças e divergências no que se refere a compreensão do tema abordado: Educação Ambiental. Essas diferenças têm explicação na visão de mundo e de educação que estas professoras têm, ou seja, a subjetividade, o que interfere diretamente em suas práticas educativas. As docentes serão denominadas por letras do alfabeto, respectivamente na ordem em que foram entrevistadas: A, B e C e D. para suas identidades serem devidamente preservadas.

Para analisar os dados das entrevistas, é necessário considerar algumas categorias de análise da Educação Ambiental. Para tanto, serão utilizados as definições ressaltadas por Layrargues e Lima, por considerar que as definições esclarecidas pelos mesmos abrangem as diferentes correntes da EA e auxiliarão na compreensão das concepções de EA reveladas nos discursos das docentes participantes da pesquisa, destacando o valor que tem o diálogo para aprofundamento das análises.

Os autores, embasados na noção de campo social, formulada por Pierre Bourdieu, e da Ecologia política, identificam três macro-tendências predominantes na Educação Ambiental no Brasil: Conservacionista, Conservadora e Crítica, as quais serão utilizadas para compreender o entendimento as docentes participantes da pesquisa têm a respeito da EA.

Além das macro-tendências, definidas por Layrargues e Lima, foram destacadas ainda questões consideradas importantes extraídas das próprias falas das entrevistadas, para facilitar na compreensão e explicação, com base nas respostas das docentes entrevistadas. As categorias extraídas foram as seguintes:

- a- A importância da Educação Ambiental;
- b- Dificuldades ou facilidades para se praticar a Educação Ambiental;
- c- O que é Meio Ambiente (conceito);
- d- Frequência com que realiza a inclusão da Educação;
- e- Relação entre desenvolvimento e meio ambiente.

### **3.2.1- CONCEITO DA VERTENTE CONSERVADORA**

A vertente Conservadora, segundo Layrargues e Lima, é expressa por meio das correntes: Conservacionista, da Alfabetização Ecológica e do Outro conhecimento. Fundamenta-se nos princípios da Ecologia, na afetividade com a natureza e nas mudanças individuais de comportamento. Essa vertente é histórica e fortemente defendida por seus expoentes, entretanto, criticada por não questionar a estrutura social vigente, não fazendo uma análise profunda da sociedade em sua contextualização política e histórica. Baseia-se na busca por uma mudança cultural que tenha como paradigma dominante o antropocentrismo.

Nessa vertente, foi possível identificar uma docente, que demonstrou ver o ambiente de forma conservadora, não fazendo relação entre a sociedade e a natureza, mas adotando uma opinião de conservação imediatista, de experiências sensoriais no meio. Essa docente, apesar de esclarecida sobre dar apenas a própria opinião durante o diálogo, demonstrou não ficar a vontade para falar em educação ambiental, provavelmente por sentir-se insegura ao falar do tema, produzindo gestos de desconforto, evidenciados pela pressa em concluir a entrevista.

Apesar de afirmar que é possível, é preciso e que praticamente não há como não se trabalhar a educação ambiental, uma vez que estamos no ambiente, ao mesmo tempo a docente afirma que trabalhar com a temática é complicado, pois trabalha com a Educação Infantil, e isso complica tal prática.

Quando questionada sobre a importância que ela dá à Educação Ambiental, ela demonstra compreender que esta educação é para práticas imediatistas de preservação para o usufruto humano, esse pensamento fica claro na seguinte fala, quando questionada sobre quem ela acredita ter maior responsabilidade com o Meio Ambiente.

Eu acho que não tem A ou B. Eu acho que todos têm a mesma responsabilidade porque fazemos parte Dele, né? Eu quanto você... é...Do tanto que eu preciso você também precisa (*sic.* B, 2013).

Nesta fala, a professora parece esquecer-se que o conflito entre humano-natureza não é algo tão simples de se resolver, até porque, no seu entendimento, a responsabilidade de segmentos da sociedade- modelo de produção vigente, Estado- que

prioriza o lucro, é secundária, culpando assim cada membro da sociedade humana da mesma forma, o que não é justo, considerando a força que têm os meios de produção, assim como suas contribuições no processo de degradação ambiental, os mesmos não são acessíveis á todos.

Fica aparente que na concepção desta docente, a natureza é uma fonte de recursos para o usufruto humano, e que, para que essa fonte não se esgote, é necessário que sejam preservados para que não se esgotem.

Essa forma de interpretar os problemas ambientais explica-se pela maneira como a sociedade está organizada no poder ideológico que as classes dominantes possuem sobre a grande massa, que reproduz discursos, por muitas vezes, injustos consigo própria.

Quando questionada sobre as dificuldades ou facilidades em se trabalhar com Educação Ambiental, a professora B nega existir qualquer dificuldade nesse sentido, uma vez que, como já estamos no ambiente, é só utilizar este fato, incluindo-o nas aulas, para os trabalhos docentes. Para esta professora, o fato de estar no ambiente é razão suficiente para se trabalhar a temática, bastando, para isso, pegar os meninos e levar pra fora da sala, pois lá fora dá pra ver algo relacionado á natureza, como demonstra na seguinte afirmação:

Não tem, não tem, acho que não tem dificuldade porque, como eu te disse, o nosso ambiente tá aqui, né? E tá degradado. Então tudo que você utilizar para conservação dele... Eu acho que não precisa mídia ... é, aparelho tecnológico... Basta pegar o aluno e levar pra fora. Eu acho que já dá pra dar uma boa aula (*sic.* B, 2013).

Nesse diálogo, a professora B, de certa forma faz uma simplificação em relação ao uso dos aparelhos tecnológicos, talvez na tentativa de provar que uma boa aula não deve ser medida pela tecnologia que se utiliza, é questão de preparação, de boa vontade, de amor á profissão também.

Por outro lado, em auto-análise em relação à freqüência com que pratica a Educação Ambiental, a mesma professora admite não incluir este tema em seu trabalho, que aliaz não deve ser minimizado a mais um conteúdo, mas deve ser incorporado nas

próprias ações dos docentes, é notório, neste aspecto, uma contradição em seu discurso, que provavelmente seja fruto do seu nervosismo, podendo denunciar seu grau de conhecimento em relação ao tema, que, tendo maior conhecimento da temática abordada, poderia sim realizar um trabalho significativo voltado para a conscientização da sociedade sobre a degradação ambiental.

Por fim, quando se pediu que relacionasse desenvolvimento e Meio Ambiente, a professora B respondeu que: “Enquanto tiver desenvolvimento, não haverá, é... meio ambiente (B).”

Isso porque, aparentemente, considera que Ambiente é somente a natureza verde, ecológica, a parte da vegetação, formado pela floresta, desconsiderando o ambiente humano como parte também integrante da natureza, enfatizando assim sua visão preservacionista, ao mesmo tempo em que não cogita a possibilidade de modificação de hábito que contribuem, afinal, para esta professora, somente pratica a degradação quem derruba ou queima as árvores.

### **3.2.2- VERTENTE PRAGMÁTICA**

A vertente pragmática, ainda de acordo com os autores, contempla as correntes da: Educação para o Desenvolvimento Sustentável e para o Consumo Sustentável. Tem seu surgimento no pragmatismo contemporâneo, do ambientalismo de resultados e do ecologismo de mercado, o ecologismo da hegemonia neoliberal de mercado, instituída no Brasil na década de 90. Tem suas raízes no modo de produção e consumo do pós-guerra. Essa vertente se diferencia da vertente crítica por desconsiderar os contextos políticos, sociais, culturais, econômicas e ecológicas.

Essa vertente trata de questões ecológicas apenas de forma compensatória, de correção, como economia de energia e água, separação de lixo, etc. prendendo-se a medidas paliativas, comportamentais, na perspectiva urbano-industrial, não fazendo interligações com as raízes dos problemas.

É a tendência mais comum de ser percebida na sociedade atual, pois adota uma política ideológica que nem sempre proporciona reflexão crítica das condições e as

causas dos problemas sócio-ambientais cada vez mais presentes na humanidade, uma vez que parece ser a opção mais viável em uma sociedade de interesses imediatos, desenvolvimentistas, desponta então essa tendência que sugere medidas comportamentais da sociedade.

Nessa tendência, foi possível identificar três das docentes entrevistadas, por não externalizarem em acreditar existir relação ou preocupação com as dimensões sócio-culturais, econômicas, políticas e ecológicas, mas sim com a correção dos erros cometidos pela sociedade, no que se refere a exploração dos recursos naturais em excesso.o

Dessa forma, ao serem questionadas sobre a importância que elas dão à educação ambiental, as professoras, ambas consideram importante que se trabalhe a temática em sala de aula, ensinando as crianças sobre a importância de se preservar para que os recursos não acabem, praticando atos politicamente corretos, porém, sem a compreensão da dimensão das suas atitudes, fazendo com que os educandos também tomem atitudes baseadas no pragmatismo, conforme demonstrado nas seguintes falas:

...A gente tá o tempo todo tentando, apesar da sala muito cheia, o que não é muito fácil, dizendo pra colocar o lixo no lugar certo, os cuidados com o corpinho, com a água, pra não acabar. (*sic.* A, 2013).

...como cuidar do lixo em primeiro lugar, né? como que eu tenho que cuidar do lixo, reciclando, fazendo com que os alunos aprendam cuidar do lixo, tá inserindo, inserindo como cuidar do ambiente. (*sic.* D, 2013).

Nas falas da professora D, nota-se um grande equívoco sobre a temática, pois a mesma demonstra acreditar que educação ambiental é pura e simplesmente colocar o lixo no lixeiro, ou seja, se resume em algumas ações pontuais. Já a professora C demonstrou uma concepção mais abrangente dessa temática, não estando no mesmo nível de compreensão que as demais entrevistadas. Também é possível observar na sua fala a importância que as mesmas dão às pequenas ações, mas que podem ser significativas de fato. Que as ações isoladas podem salvar o planeta. Não que não tenham grande importância, mas é necessário que a humanidade como um todo possa perceber como a estrutura social contribui, em termos de devastação em grande escala,

pois uma comunidade que prioriza o lucro a cima de tudo, ações isoladas não resolvem os problemas ambientais, mesmo tendo sua importância.

...a gente já fez um projeto com enfoque no meio ambiente, que trabalhava a questão da equidade, como cuidar pra se reaproveitar materiais..., com pequenas coisas vai fazer a diferença, se todo mundo fizer sua parte. (*sic.* C, 2013).

Vale ressaltar que a professora C, apesar de também afirmar que é possível se trabalhar com a educação ambiental, afirma não ter conhecimento de haver continuidade nos trabalhos pedagógicos da escola, mas o fato de não estar em sala de aula, e sim na gestão, a impede de saber se há ou não inclusão da educação ambiental na escola, esse fato coloca em xeque seu depoimento anterior, em que a mesma demonstra um conhecimento mais amplo que o das outras participantes da pesquisa.

Ao serem questionadas sobre o que elas consideram que seja meio ambiente, ambas docentes, apesar de demonstrarem ter diferentes níveis de compreensão da temática em questão, diferença percebida principalmente entre a professora C e as demais, elas foram enfáticas em dizer que é o lugar onde nós estamos, tudo que tem vida, conforme observado nas seguintes falas:

Tudo que tem vida. Seja na floresta ou não, seja em qual lugar for, se tiver vida é ambiente. Tudo que tem vida faz parte do ambiente (*sic.* A, 2013).

No meio ambiente tá inserido a flora, é... a fauna. O conjunto de florestas e o conjunto de animais. Pra mim isso é o meio ambiente. É onde existe uma ligação entre os seres vivos, tanto vegetal como animal (*sic.* C, 2013).

É o conjunto de... o conjunto de... a onde está nossa sobrevivência. Isso pra mim é o meio ambiente. É aonde nós vivemos (*sic.* D, 2013).

No decorrer das entrevistas, as docentes foram questionadas sobre a frequência com que praticam a educação ambiental, respondendo que sim, procuram incluí-la em suas aulas, como nas falas:

Nós fizemos projetos de reciclagem. Não é nem reciclagem, é reaproveitamento, que nós fizemos agora na páscoa, uma atividade só com materiais reaproveitados, que foi com garrafa pet (*sic. A, 2013*).

...quando eu trabalhava na área rural tinha um... Programa que já se pensava a respeito da educação ambiental... então eu trabalhei durante onze anos... (*sic. C, 2013*).

Trabalho sim. Trabalho, né, eu tento sempre ta repassando isso para os alunos, ta trabalhando com isso. Não na prática, mas teórica, estou passando isso pra eles (*sic. D, 2013*).

Nas narrativas acima, é possível notar maior semelhança entre os discursos das professoras A e D, que demonstram pouca afinidade com a temática, assim como não conseguem definir a frequência com que trabalham com a Educação Ambiental como parte do currículo. Diferente da professora C, que transparece maior clareza da temática, contradizendo-se, entretanto, com suas práticas no espaço escolar, pois apresenta um belo discurso, mas admite não saber como está ocorrendo a prática da discussão nas salas, por estar na gestão da escola, não mais como professora.

Entretanto essa inserção da educação ambiental não se dá de forma interdisciplinar, mas apenas em datas específicas, não sendo trabalhada nem como uma disciplina, nem tampouco como o tema transversal que é, pois há inúmeras dificuldades em se trabalhar a transversalização, especialmente porque as metodologias adotadas ainda têm muito resquício do modelo cartesiano de fragmentação, mas como uma temática que trabalha algumas vezes no ano, e não mais que isso, a temática vai se tornando mais uma dentre tantas outras.

Em relação ao desenvolvimento e o meio ambiente, todas afirmaram que o desenvolvimento civilizatório é negativo para o ambiente, considerando que, paralelo ao crescimento das cidades, a natureza é sacrificada, como nas falas seguintes:

“(...) muitas florestas são destruídas, muitas madeiras são extintas... Isso tudo por causa desse tal desenvolvimento... Que pensaram o desenvolvimento e não tinham pensado como a gente conciliar, é... Fazer o desenvolvimento acontecer sem prejudicar a natureza .

Em todas as entrevistas realizadas, foi possível notar a presença da afirmação contraditória que ao mesmo tempo considera que é possível trabalhar a educação ambiental, afirmando, posteriormente, não incluir, ou mesmo não ter acesso a materiais de apoio suficiente para a prática desta educação. O mesmo acontece com o próprio PPP da escola, que garante a interdisciplinaridade, a contínua e permanente inserção do tema, valorizando o meio ambiente. Porém, nota-se neste documento indícios de uma concepção pragmática, que não discute as diversas causas das problemáticas ambientais, mas apenas no sentido de consertar o que está supostamente errado nos os indivíduos, prendendo-se apenas em medidas que possam compensar a falta de recursos extraídos em demasia da natureza, de forma insustentável. Além disso, um fator que contradiz o PPP é a não valorização da horta, que poderia ser bem utilizada para trabalhar o contato com a terra e a vegetação, contato este eu tem se tornado cada vez mais raro na era chamada *digital*. Entretanto, a horta da escola encontra-se completamente abandonada.

Nesse sentido, Freire, 1996: 48 comenta que:

Não posso apenas falar bonito sobre as razões ontológicas, epistemológicas e políticas da Teoria. O meu discurso sobre a teoria deve ser o exemplo concreto, prático, da teoria. Sua encarnação. Ao falar da *construção* do conhecimento, criticando a sua *extensão*, já devo estar envolvido nela, e nela, a construção, estar envolvendo os alunos. Fora disso, me emaranho na rede das contradições em que meu testemunho, inautêntico, perde eficácia. Me torno tão falso quanto quem pretende estimular o clima democrático na escola por meio e caminhos autoritários.

### 3.2.3-VERETENTE CRÍTICA

A vertente crítica, nas discussões dos autores, abrange a Educação Ambiental Popular, Emancipatória, Transformadora e no Processo de Gestão Ambiental.

Proporciona uma visão crítica das relações de acumulação de lucratividade e dominação do ser humano por mecanismos de alienação, buscando conquistar justiça sócio-ambiental. Diferentemente da tendência Conservadora, procura discutir e problematizar politicamente as problemáticas considerando as diferenças sociais.

Vemos que, nessas diferentes abordagens, a Educação Ambiental pode ser adaptadora, fundamentada nas teorias não críticas da Educação, ou ser transformadora fundamentada nas teorias críticas da Educação (SAVIANI, 1983 apud Tozoni –Reis, 2011).

Nesse sentido, compreender o que é uma visão crítica da Educação Ambiental é, antes de mais nada ter visão crítica da realidade em que vivemos, do mundo, das relações que foram construídas ao longo do tempo, de formas e razões múltiplas, que podem explicar, porém não justificam o descontrole do qual o homem se apossou para adquirir, embora se possa afirmar que mais conforto, o que se nota é uma busca incessante por lucros.

Não foi possível, durante o processo de pesquisa, identificar professora que demonstrasse uma concepção crítica da Educação Ambiental, o que não significa que não haja, apenas não se identificou nesta pesquisa, apesar de que a professora C, demonstrou, por diversos momentos ter maior compreensão, interesse, o que é contradito por a mesma, além de não problematizar temas ambientais após ter saído da zona rural, não percebe se há ou não prática da Educação Ambiental na es.cola, apenas por não estar em sala, mas sim na gestão escolar.

### **QUADRO III- A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO DISCURSO DOCENTE:**

X	VERTENTE CONSERVADORA	VERETENTE PRAGMÁTICA	VERETENTE CRÍTICA
A importância da Educação Ambiental	“A escola deve trabalhar, assim, principalmente a questão do ambiente escolar, né?”(B)	“...Dizendo pra colocar o lixo no lugar certo..., com a água pra não acabar” (A). “...Eu acredito que já deve trabalhar desde as séries iniciais sobre a necessidade da conservação do meio ambiente” (A).	X
Dificuldades ou facilidades para se praticar a Educação Ambiental	“Não tem (...). Basta pegar o aluno e levar pra fora, eu acho que já dá pra dar uma boa aula”(B).	“Nós fazemos projetos de reciclagem” (A). “...infelizmente eu nem cheguei a trabalhar...”©.	X
O que é Meio Ambiente	“É todo e qualquer lugar onde você convive (...) existe vários, mas é onde você está” (B).	“Tudo que tem vida”(A). “É o ambiente onde nós vivemos, né?”(D).	X
Frequência com que realiza a inclusão da Educação Ambiental no ambiente escolar	“ É complicado, aqui é complicado. Eu já trabalhei na 4º série” (B).	“...A gente tá o tempo todo tentando...”(A). “...Eu trabalhava na área rural, na época não dei tanta ênfase à questão de...”©.	X
Relação entre desenvolvimento e meio ambiente	“De destruição... Toda vez que aumenta o desenvolvimento, ele diminui, né?”(B).	“Enquanto a sociedade evolui, a natureza se acaba.”(A). “...esse	X

		desenvolvimento que vem sendo pregado, ele só veio prejudicar o meio ambiente.”©.	
--	--	---	--

#### 4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

. Foi possível notar as limitações e possibilidades uma professora encontra para o desenvolvimento do seu trabalho. Uma das dificuldades é a falta de apoio no espaço escolar. Por outro lado, uma das possibilidades é a realização de um trabalho inter, multi e transdisciplinar, por ser o único responsável durante todo o ano, por uma turma de alunos e podendo fazer a interligação da Educação Ambiental em todas as disciplinas do currículo.

O mundo tem passado por uma série de modificações, que não ocorreram de forma repentina, mas gradual. Essas mudanças, que se deram lentamente, ocorridas através do tempo, denunciam o “desenvolvimento” da humanidade, que passa por um processo civilizatório que aos poucos transformou a sociedade humana, o que esta é hoje, uma espécie “evoluída”, que talvez por consequência disso encontra-se atualmente em crise: a crise civilizatória.

A proposta deste trabalho é investigar, a princípio, que concepção, docentes de uma escola pública têm, a respeito da EA, considerando que a localidade, passou e ainda sofre com o processo de exploração, principalmente de madeira, já que se trata da principal fonte de renda do município. Tal informação diz muito a respeito da Educação Ambiental desenvolvida no município e, afinal, o desenvolvimento de práticas educativas há necessidade de apoio da administração municipal, mas outra alternativa importante é a conscientização dos educadores, uma vez que a educação depende muito que esses profissionais sejam de fato políticos, transparecendo assim seus posicionamentos nas tomadas de decisões, garantindo a certeza de um processo educativo de qualidade, mas, infelizmente, ainda se fazem presentes na realidade da escolarização atual, muitos fragmentos do conservadorismo, que não significa que não

existem situações diferentes, positivas, que não haja pessoas e entidades “remando contra a maré”. Na realidade existem grupos e indivíduos preocupados com a atual situação de degradação do planeta terra, que encontra-se em perigo, devido às contribuições humanas para o aceleramento do desequilíbrio da natureza. Os dados relacionados a este tema são alarmantes, pois indicam que as futuras gerações podem sofrer muitos em consequência da degradação, pois as capacidades de recomposição do tendem a diminuir ainda mais pelo mau uso dos recursos naturais.

Nesse sentido, nota-se o descaso que o ambiente ecológico ainda sofre diante das atuais problemáticas emergentes na era digital, em que as relações humanas têm se dado, continuamente mediada por recursos mecânicos. Nunca a comunicação esteve tão facilitada, porém, nunca as relações haviam ocorrido com tamanho distanciamento.

A realização da pesquisa deu-se de forma surpreendente, considerando o não fornecimento do Projeto Político Pedagógico completo da escola, documento de muita importância na investigação, ao qual somente tivemos acesso a fragmentos, pelo fato de que a atualização do mesmo para o ano corrente ainda não havia ocorrido. Apesar de tal imprevisto, os objetivos foram relativamente alcançados, uma vez que tivemos acesso às professoras, para coleta de dados essenciais à pesquisa, obtendo assim as informações necessárias para o desenvolvimento do trabalho.

Para melhor entendimento e clareamento do objetivo que se pretendia alcançar, esperávamos otimistas, encontrar uma realidade diferente daquela demonstrada pelos teóricos da área da Educação Ambiental, infelizmente, não encontramos muita diferença das colocações feitas por alguns autores, que alertam para as consequências do antropocentrismo e da falta de ética em relação ao meio ambiente, necessitando, para que haja uma verdadeira mudança no quadro de crise ecológica vigente, uma urgente mudança de paradigma, pois se mantida essa forma de pensar o homem e o ambiente, a sociedade é insustentável.

O fato de não perceber, no momento da pesquisa uma prática constante da educação ambiental no espaço escolar, no local pesquisado, não significa que essa realidade seja unânime em todo o espaço, podendo ser notada em outro instante, afinal, é possível que existam diversas razões, que variam entre a falta de estrutura, tanto no

que refere ao currículo escolar, como na despreparação do/as docentes que nela interagem. Além de tudo, a formação desse/ as professor/as, em uma sociedade onde impera o paradigma cartesiano, em que tudo é visto de forma fragmentada, o processo de alfabetização já acontece baseado na segregação, não é de se estranhar que a exploração da natureza se dê de forma “natural”, contribui infinitamente para a forma de pensar, não somente do/as professor/as, mas da sociedade como um todo.

O Estado, posicionando-se em relação às questões ambientais, através dos órgãos que o representam, demonstra grande preocupação com o futuro do planeta. Na maioria das vezes, lançando formas de suposto esclarecimento da situação, promulgando leis que garantem um ambiente digno para todos, formulando delineamentos como os PCN,s em que constam os parâmetros da EA, que informa a importância do nosso meio, oferecendo esclarecimentos referentes a temática. Entretanto, o que não é oferecido à todos é a informação da contribuição que o modelo social vigente possui sobre as problemáticas ambientais, pois poderia comprometer o avançado desenvolvimento industrial, já que é mais conveniente, para que as coisas permaneçam como estão, que todos se sintam igualmente responsáveis por tais problemáticas, o que somente pode mudar por meio da conscientização, o que pode nos levar a uma revisão geral dos nossos valores e ideologias.

Entretanto, lei não conscientiza e não forma uma sociedade esclarecida, se não tiver como foco, como filosofia, valores condizentes com o ensino, outro fator necessário é a questão das condições de trabalho para o/as docentes, que possibilitem também melhor qualidade de vida. A inclusão de projetos sobre a natureza no currículo não garante a educação ambiental, que necessita, primordialmente, da consciência do/as educador/as, que no processo da pesquisa não pôde ser percebida nas falas e atitudes das participantes da pesquisa.

A educação ambiental tem uma missão muito maior do que se pensa, pois é preciso, para ser bem sucedida, da conscientização, que vai interferir em mudanças de atitude, que não se constitui em algo fácil, em uma sociedade “programada”, por séculos, para consumir, descartar e adquirir um novo produto, tornando esta prática viciosa e obrigatória para os indivíduos que a constituem.

Nesse viés, os movimentos ambientalistas, sendo descontextualizados e conseqüentemente despolitizados pelo mau uso que muitas vezes se faz, precisam manter-se atuantes nos mais diversos espaços sociais, não somente no âmbito formal, mas no informal e não-formal, ganhado abrangência e consciência mundial, pois as evidências dos desequilíbrios ecológicos parecem não ser razão suficiente para uma mudança gradual, mas que se configure drasticamente nos valores e costumes da humanidade, fomentando comportamentos, opiniões diferenciadas dos que alguns interessados, através da mídia, fazem questão de impor de forma sutil em nossas consciências.

Nesse sistema de sociedade, os valores são implantados e cada vez mais distorcidos, de forma que o egoísmo é altamente estimulado, a competitividade aumenta, os sentimentos de superioridade e inferioridade são gritantes, tudo isso em conseqüência do descaso na educação, que não acontece aleatoriamente, pelo contrário, a sabotagem no processo educacional, assim como em todos os outros setores públicos da sociedade é planejada, o que não quer dizer que se devam extinguir tais setores, mas sim torná-los de qualidade para todos.

Apesar de todas as problemáticas vivenciadas na esfera social, nota-se que os desequilíbrios ocorridos no ambiente podem ser freados, bastando, para tanto, o interesse coletivo, pois as pessoas sofrem com avanço do processo civilizatório. Se conseguirem perceber suas perdas em comparação com os ganhos, verão que não vale a pena contribuir com esse sistema de exploração desenfreada, pois existem pessoas trabalhando em todos os processos de exploração e muitos são, nesse processo, também explorados sem ao menos perceberem

Contudo, já existem pessoas tentando mudar a realidade da destruição do planeta, praticando ações de conscientização, na tentativa de impedir que a crise ambiental avance mais, que pessoas ambiciosas explorem mais a natureza, deixando os ocupantes do espaço sem perspectiva e as gerações futuras, sem esperança.

Existem pessoas preocupadas, agindo para mudar a realidade para a qual o desenvolvimento conduziu a, humanidade, que agora precisa encontrar soluções, embora estas requeiram algum sacrifício para o modo de vida que a sociedade já está

habituada, contando com diversos recursos muitas vezes desnecessários para uma vida digna e confortável, que não significa exageros de consumo. Mas é necessário que a maior parte da sociedade se perceba, veja que os benefícios de seu trabalho é que sustentam a parte que Marx (apud Gaarder 2012) denominou de superestrutura, que tem como base de sustentação, a estrutura, o alicerce social que mantém a sociedade “de pé” e desfrutando dos privilégios que a mão de obra da estrutura possibilita.

É preciso que a docência seja praticada com amor, o que não quer dizer por amor, mas se faz necessário estar se questionando sobre a própria atuação, para não cair no ao modismo de achar que as coisas são “assim mesmo”, sempre serão, nada se pode fazer e por isso não adianta esforço para mudar. Como expresse nas palavras de Freire: “Que é mesmo a minha neutralidade senão a maneira cômoda, talvez, mas hipócrita de esconder minha opção ou meu medo de acusar a injustiça? “Lavar as mãos” em face da opressão é reforçar o poder do opressor, é optar por ele.” (FREIRE,1996, 112).

É perceptível no espaço escolar ações sendo desenvolvidas em determinadas datas, o que não é, necessariamente a proposta da Educação Ambiental, pois a questão é muito profunda e requer uma reformulação em nossos valores e costumes, que por um motivo ou outro, nem todos estão dispostos ao “sacrifício”, pois o modo de viver e pensar estão pautados em um modelo de sociedade que preza pelo afastamento, pela dissecação de seus componentes, não conseguindo ver a realidade como um todo, mas por partes, ignorando o global, o que favorece uma angústia constante, apesar de nem sempre se ter a clareza da razão de tanta infelicidade, mas a ausência de proximidade, de confiança contribuem significativamente para nossa infelicidade, pois o ser humano necessita manter-se relação com seus semelhantes, pois é uma espécie coletiva.

Somente quando a humanidade perceber que a forma de existência que busca nada mais que a autodestruição não é sensata, não convém a ninguém, é que, provavelmente, refletirá sobre os próprios atos, analisando que, se o planeta é único, ninguém fica isento das conseqüências do processo de destruição do mesmo, embora que se possam produzir meios de retardamento do sofrimento para alguns, mas essas medidas tendem a ser freadas cada vez mais, não fazendo tanta diferença e com o tempo todos podem não ter escolha senão mudar. Mudar de concepções no que se refere a relação homem-natureza, de paradigma, porque o modo de ver a natureza como objeto

já não tem mais nenhuma relevância, já não tem fundamento, muito pelo contrário, está comprovado “cientificamente” que não pode haver previsões futuras a longo prazo, se essa mudança não se fizer urgentemente.

Sabe-se que é possível, assim como foi possível chegarmos o atual desenvolvimento acontecer, através da revolução científica. Avançamos muito em alguns aspectos, mas em outros, apenas reforçamos a idéia de que nunca saímos do nosso estado primitivo de onde tanto se tem procurado formas para fugir, o que só realça ainda mais o nível de alienação, pois nesse processo esquecemos o que de melhor pode haver na vida, que somente a proximidade com a natureza e com os semelhantes pode trazer. Essa proximidade tem se tornado cada vez mais escassa, evidenciando o quanto estamos errados, Descartes cometeu seus erros e não precisamos permanecer seguindo concepções que já se mostraram equivocadas, se seguidas cegamente, já percebeu-se, não contemplam nossos dias atuais, pelo contrário, torna a humanidade menos solidária para com as outras espécies e entre si própria.

Apesar de todos os pontos negativos, é necessário ressaltar que existem diversas partes da sociedade preocupadas com o destino do planeta e da humanidade, trabalhando para que o destino de ambos não seja tão trágico como pode ocorrer se algo não for feito para evitar. Existem inúmeros grupos ambientalistas pregando o uso consciente e sustentável dos bens de consumo, na tentativa de promover a conscientização da humanidade, chamando a atenção para os cuidados ao interferir no meio, pois natureza não é inesgotável.

Nesse viés, precisamos perceber que não haverá futuro se permanecermos vivenciando de acordo o modelo de sociedade baseado nos princípios cartesianos, quede forma gradativa, tornou-se presente em todos os espaços e relações. Dessa mesma maneira, é possível mudar a atual realidade de degradação do planeta, para uma relação de respeito, de proximidade e que não aconteça muito tarde, pois o resgate da vida do ambiente se faz urgente.

Além disso, considerando o pressuposto de que a Educação Ambiental é sempre realizada a partir da concepção que se tem do meio ambiente, a sociedade humana necessita urgente e radicalmente da mudança de mentalidade sobre as idéias acerca dos

modelos de desenvolvimento realizados até então, pois somente se vemos o meio ambiente diferentemente da forma como se vê na sociedade civilizada, a tendência é que conseqüências sejam irreparáveis.

Desta forma, a humanidade precisa unir-se neste momento para salvar conjuntamente o planeta no qual estamos inseridos e do qual fazemos parte, deixando a ganância para trás e abraçando uma nova causa, agora mais forte, por possuímos o instinto de sobrevivência e respeito ao meio do qual somos parcela integrante.

O desafio que se busca através da Educação Ambiental Crítica não é simples, uma vez que requer, como já fora mencionado, muitos sacrifícios conjuntos, o que significa dizer que não basta uma pequena parcela da sociedade humana, é preciso mais. Óbvio que se fazem necessárias as atitudes de cada um, mas que não permaneça dessa forma, em que se age individualmente, mas é necessário que haja determinação da coletividade, bastando, para isso, não muito mais que interesse. Interesse do poder público, que representa a sociedade, ou seja, falta interesse da sociedade como um todo em preservar e preservar-se reciprocamente.

É preciso entender que o discurso ambientalista deve surgir a partir da prática comprometida, baseada em compromisso e responsabilidade para com si e com os demais seres existentes no planeta e não o contrário, sob pena de se falar levianamente, sem a menor fundamentação, fortalecendo assim a hipocrisia, já tão utilizada na sociedade. Essa sociedade necessita conscientizar-se do seu poder enquanto base fundamental nesse sistema, de maneira que, somente deve assumir o governo, representantes dessa base essencial para manter a estrutura vigente, pois sem a camada social que é usada como alicerce, o capitalismo, que é um sistema baseado na produção de lucro, por meio da exploração da força de trabalho da massa, entraria em total decadência e sucumbiria.

## BIBLIOGRAFIA:

- ABNT 2013. **Associação Brasileira de Normas Técnicas**. Disponível em: [HTTP://www.slideshare.net/bibliotecafob/referencias-abnt-2013](http://www.slideshare.net/bibliotecafob/referencias-abnt-2013) . Acesso em: 26. Ago. de 2013.
- ARANHA, M. L. de A. e MARTINS, M. H. P. **Filosofando: Introdução à filosofia**,- 2 ed. rev. atual.-São Paulo : Moderna,1993.
- BAKHTIN, Mikhail. **MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM** .- 12ª Edição – HUCITEC- 2006.
- BRASIL. MEC. **Temas transversais**. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 2008.
- BRANCO, R. C. **A teoria marxiana do pauperismo e o debate com o reformismo socialdemocrata**. Disponível em: <CasteloBranco □ [http://www.unicamp.br/cemarx/anais\\_v\\_coloquio\\_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/sessao2/Rodrigo\\_Castelo\\_Branco.pdf](http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/sessao2/Rodrigo_Castelo_Branco.pdf) 1968 . Acesso em: 25 jul. 2013.
- BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 8º Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2002. ( coleção pesquisas).
- CARVALHO, I. C. M. A educação ambiental crítica: nomes e endereçamentos da educação. In: Layrargues, P. P. (coord.) **Identidades da Educação Ambiental brasileira**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.
- \_\_\_\_\_. A invenção do sujeito ecológico: identidade e subjetividade na formação dos educadores ambientais In: SATO, M. (org.) **Educação ambiental: pesquisa e desafios**. Porto Alegre, Artmed, 2005.
- CAPRA, Fritjof. - **O Ponto de mutação** ( Trad. Álvaro Cabral),- São Paulo: Cultrix, 2012.
- CARSON, **Raquel Primavera Silenciosa**. In: FONTES, Ricardo Jafé Carelli: (Trad. Claudia Sant´Ana Martins) .São Paulo: Gaia, 2010. 327 p.
- CHARAUDEAU, P. e MAINGUENEAU, D.; Coordenação da tradução Fabiana Komesu. - **Dicionário de análise do discurso**. 2º Ed., 3º reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARAUDEAU, P.- **Novas tendências em Análise do discurso** (trad. Freda Indursky).- Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 3ª edição, 1997.
- DIAS, Viviane Borges e MACIEL, Taísa Rodrigues. **Formação de professores e educação ambiental: Desafios e aspectos no trabalho dos docentes que atual em duas escolas públicas de Salvador- Ba**. Disponível em: <<http://www.educonufs.com.br/vcoloquio/cdcoloquio/cdroom/eixo%204/PDF/Microsof>

[t%20Word%20-%20FORMAcao%20DE%20PROFESSORES%20E%20EDUCAcao%20AMBIENTAL.pdf](#)>2011. Acesso em: 20 jan. 2013.

FALONE, Adélia Tosta. **A ética ambiental na educação.** Disponível em: <[WWW.remea.furg.br](http://WWW.remea.furg.br)> 2008. Acesso em: 03 jan.2013.

FERNANDEZ, Fernando. **A tal sustentabilidade.** Disponível em: <[WWW.oeco.com.br...20233-tal-da-sustentabilidade](http://WWW.oeco.com.br...20233-tal-da-sustentabilidade)>. 2008. Acesso em: 01 jan. 2013.

FOUCAULT, Michel. - **A ordem do discurso** - Edições. São Paulo, Brasil, 1996.

FREIRE, Genebaldo. - **Educação Ambiental: Princípios e Práticas**- 9 ed. – São Paulo: Gaia, 2004.

FREIRE, Paulo. - **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção leitura).

**Ferdinand Lassale.** Disponível em :<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand\\_Lassalle](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ferdinand_Lassalle)>. Acesso em: 25 jul. 2013.

Folha online. **Jornal direitos humanos:** Disponível em:<<http://www.mst.org.br/jornal/259/direitos%20humanos>>. Acesso em: 12. Ago. 2013.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia: Romance da história da filosofia** (Trad. do Norueguês Leonardo Pinto Silva.- 1ºed.- São Paulo: Companhia das letras, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos Técnicas de Pesquisa Social.** 6º Edição. São Paulo: Editora Atlas S.A. 2008.

GRUN, Mauro. - **Ética e educação ambiental: A conexão necessária.** Campinas, SP: Papirus,1996.

\_\_\_\_\_. **Em busca da dimensão ética da educação ambiental.** Papirus Editora, 1995.

\_\_\_\_\_. O conceito de holismo em ética ambiental e em educação ambiental. In: **Educação ambiental: pesquisa e desafios** - Porto Alegre, Artmed: 2005.

GUIMARÃES, Mauro. Educação Ambiental Crítica In: LAYRARGUES, P.P. (coord.). **Identities da Educação Ambiental Brasileira.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004.

JÚNIOR, A. M. dos Reis. **A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL.** Dissertação de mestrado. Campinas, SP, 2003.

LAYRARGUES, Philippe Pomier - LIMA, Gustavo Ferreira da Costa - **MAPEANDO AS MACRO-TENDÊNCIAS POLÍTICO-PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL CONTEMPORÂNEA NO BRASIL.** Disponível em: <[http://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/images/stories/biblioteca/educacao\\_ambiental/Layrargues\\_e\\_Lima\\_-\\_Mapeando\\_as\\_macro-tend%C3%Aancias\\_da\\_EA.pdf](http://www.icmbio.gov.br/educacaoambiental/images/stories/biblioteca/educacao_ambiental/Layrargues_e_Lima_-_Mapeando_as_macro-tend%C3%Aancias_da_EA.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2013

LAYRARGUES, P. P. Educação ambiental com compromisso social: o desafio da superação das desigualdades. In: LOUREIRO, C.F.B. (orgs.) **Repensar a Educação Ambiental: Um olhar crítico**. -São Paulo: Cortez, 2009.

LDB N° 11.738 art.2º. Lei que garante as Horas-Atividade para professores do ensino básico para planejamento de aula. Disponível em: <[HTTP://reveistaescolapublica.uol.com.br/textos/27/piso-e-hora-ativida-261561-1.asp](http://reveistaescolapublica.uol.com.br/textos/27/piso-e-hora-ativida-261561-1.asp)>. Acesso em: 26. ago. de 2013.

LOUREIRO, C. F. B., BARBOSA, G. L. e ZBOROWSKI, M. B. - Os vários “ecologismos dos pobres” e as relações de dominação no campo ambiental. In: LOUREIRO, C. F. B. (orgs.) **Repensar a Educação Ambiental: Um olhar crítico**. - São Paulo: Cortez, 2009.

LUCK, Eloísa. - **Gestão educacional: Uma questão paradigmática**. 5º. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. Série: Cadernos de Gestão.

MARX, Karl. – **Para a Crítica da Economia Política do Capital** (Trad. Edgard Malagodi).São Paulo, Nova Cultura LTDA: 1999. (Os pensadores).

MEDINA, Naná Mininni.- **Breve histórico da educação ambiental**. Disponível em:< [http://pm.al.gov.br/bpa/publicacoes/ed\\_ambiental.pdf](http://pm.al.gov.br/bpa/publicacoes/ed_ambiental.pdf) >2008. Acesso em: 25mar.2013.

MOROZ, Melania; GIANFALDONI, Mônica Helena Tieppo Alves.- Brasília: Plano Editora, 2002.

MORRONE, Eduardo Corrêia e MACHADO, Carlos Roberto da Silva. **A natureza em Marx e Engels: Contribuição ao debate da questão ambiental na atualidade**. 2010. Disponível em: <[WWW.remea.furg.br](http://WWW.remea.furg.br)>, acesso em:31jan. 2013.

ORLANDI, Eni P.- **Discurso e Literatura/ 3. Ed.- São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1996 ( Coleção Passando limpo).**

\_\_\_\_\_. **Análise do discurso: Princípios e procedimentos/ 10º edição**, Campinas, SP: Pontes editores, 2012.

PEREIRA, F.A; GUIMARÃES, F. M; SOUZA, A; E ROCHA, M.B. **FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**. Disponível em: <[www.fae.unicamp.br/revista](http://www.fae.unicamp.br/revista)>. Campinas, SP v, n 3 (2010).

**Projeto Político Pedagógico (PPP)**. Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Nelson Pereira Dias Goianésia do Pará (Pa). 2007.

QUINTAS, José Silva. - (org). Educação no processo de gestão ambiental pública: a construção do ato pedagógico. In: LOUREIRO, C. F. B. (orgs.)- **Repensar a Educação Ambiental: Um olhar crítico**. Um olhar crítico. São Paulo: Cortez, 2009.

REIGOTA, Marcos **A Educação Ambiental frente aos desafios apresentados pelos discursos contemporâneos sobre a natureza**. Educação e pesquisa [em línea] 2010, 36

(Maio-Agosto): ( Data de consulta 26 dr agosto de 2013) Disponível em:<<http://redalyc.org/articulo.oa?id=29815818008> >. ISSN 1517-9702.

ROUSSEAU, Jean- Jacques. - Do contrato social: Ensaio sobre a origem das línguas. (Trad. Machado, Lourdes Santos). São Paulo: Cultural Ltda, 1999.( Os pensadores).

\_\_\_\_\_. **A origem das desigualdades entre os homens** . Tradução Ciro Mioranza. São Paulo: Lafonte, 2012. (Coleção Grandes Clássicos da Filosofia).

RADAELLI, Maria Eunice.- **CONTRIBUIÇÕES DE VYGOTSKY E BAKHTIN PARA A LINGUAGEM: INTERAÇÃO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**. Disponível em:< <http://www.fag.edu.br/minhafag/php/arquivo/1322760690.pdf> >. em 19 jul. 2013.

RIBEIRO, L. F. **O conceito de linguagem em Bakhtin**. Disponível em: < <http://revistabrasil.org/revista/artigos/crise.htm> >. Acesso em: 19 jul. 2013.

SANTOS, Robson Fagundes dos. LUNARDELLI, **A VISÃO DIALÓGICA DO DISCURSO** ,06 a 08 de outubro de 2010 <http://pt.scribd.com/doc/153563188/A-Visao-Dialogica-Do-Discurso>

\_\_\_\_\_. **O espaço do cidadão**. 2 ed- São Paulo: 1993 (coleção espaços).

\_\_\_\_\_. **Espaço e método**. 4 ed- São Paulo: Nobel: 1997- (coleção espaços).

\_\_\_\_\_. **Técnica, Espaço e Globalização. Globalização e Meio Técnico Científico informacional**. 4º edição- Editora Hucitec. São Paulo: 1998.

TAVARES, F.J.P.-**A educação ambiental na formação de professores de educação física: uma emergente conexão**. Revista Digital - Buenos Aires - Año 9 - N° 61 - Junio de 2003.

TOZONI-REIS, Maria F. de Campos- **(Re) Pensando a Educação Ambiental**. 2011.

VÍDEO: **A história das coisas**. Direção: Louis Fox- Disponível em: <[http://www.youtube.com/watch?v=G7\\_S0mMbKiw](http://www.youtube.com/watch?v=G7_S0mMbKiw) >. Acesso em: 03jul.2013.

## APÊNDICES:

### APÊNDICE A- CRITÉRIOS PARA REALIZAÇÃO DE ANÁLISE:

<p>GESTUALIDADE</p> <p>Características dos gestos</p>	<p>A gestualidade comunicativa pode ser mais ou menos estreitamente ligada às produções verbais (...)</p> <p>Além do fato de empregarem o canal visual, os gestos distinguem-se dos sinais linguísticos por um certo número de propriedades <i>semióticas</i>: eles têm um caráter global e sintético (admite-se, geralmente, que não apresentam “dupla articulação”), não obedecem a nenhuma “gramática”(regras de organização sintagmáticas), são fortemente polissêmicos e dependentes do contexto, são largamente idiossincráticos, ainda que sejam muito frequentemente “motivados”(por oposição aos signos linguísticos nos quais domina o arbitrário) (cf. Calbris e Porcher, 1989).</p>
<p>PONTUAÇÕES</p>	<p>... (qualquer pausa);</p> <p>:: (pausa prolongada);</p> <p>( ) ação ou resposta não-verbal;</p>
<p>Né?</p>	<p>(insegurança, incerteza, indecisão.</p>

### APÊNDICE B- PRIMEIRA ENTREVISTA PROFESSORA A:

**PESQUISADORA:** Pra você, o que é Meio Ambiente? Defina com suas palavras:

**ENTREVISTADA:** Tudo que tem vida. Seja na floresta ou não, seja em qual lugar for, se tiver vida é ambiente. Tudo que tem vida faz parte do ambiente.

**PESQUISADORA:** Do seu ponto de vista, como a escola deve trabalhar a questão ambiental dentro ou fora da sala de aula?

**ENTREVISTADA:** A escola... a escola não, o professor. Que todos os projetos que as secretarias desenvolvem é o professor que tem que colocar em prática, só sobra pro professor. Quem quiser enfeitar que enfeite, mas é só o professor que desenvolve os projetos.

**PESQUISADORA:** Pra você, quem deve ter maior responsabilidade com o meio ambiente?

**ENTREVISTADA:** Todo mundo. Porque não adianta um fazer, cuidar... se todo mundo não ajudar. Todos estão no ambiente e tem que cuidar.

**ENTREVISTADORA:** Você, na condição de educadora, acredita que pode fazer algo para contribuir para futuros cuidados com o meio ambiente? Explique:

**ENTREVISTADA:** O que a gente pode fazer:: não digo nem conscientizar, mas tentar sensibilizar os alunos, os pais, a comunidade escolar em geral, que é todo mundo envolvido na educação.

**PESQUISADORA:** Você procura incluir a Educação Ambiental em suas aulas? Como? Quando? Quais as dificuldades encontradas?

**ENTREVISTADA:** Com certeza! É nossa profissão... A gente tá o tempo todo tentando, apesar da sala muito cheia, o que não é muito fácil, dizendo pra colocar o lixo no lugar certo, os cuidados com a higiene do corpinho, com a água, para não acabar...

**PESQUISADORA:** Você acha que há relação entre desenvolvimento e meio ambiente? Qual?

**ENTREVISTADA:** Com certeza. Enquanto a sociedade evolui, a natureza se acaba. Em Belém fizeram um shopping, acho que o Castanheira, não sei... Degradaram um

lugar enorme, sendo que tinha árvores de anos, algumas já até com risco de extinção, e fizeram mesmo assim...

**PESQUISADORA:** O que você entende por reflorestamento?

**ENTREVISTADA:** Como eu já trabalhei com esse assunto... Reflorestamento é, se você quer desmatar um lugar, tem que fazer um estudo pra saber se dá pra plantar outra árvore. Estudar o solo, um engenheiro florestal, pra saber se pode tirar, pro solo não perder umidade, se não vai prejudicar aquela espécie.

**PESQUISADORA:** Você já percebeu alguma forma de degradação ambiental no município (Goianésia do Pará)? Em que sentido? Você trabalha essas questões em suas aulas?

**ENTREVISTADA:** Muito... Principalmente porque aqui a principal atividade é a madeireira. Não tem uma, não tem uma fábrica. Tanto é que os madeireiros, a maioria ilegal que quando vê falar em fiscalização, em IBAMA, os madeireiros somem, ninguém vê. Tem que trabalhar. É o nosso ambiente, nós estamos dentro dele.

#### **APÊNDICE C- SEGUNDA ENTREVISTA, PROFESSORA B:**

**PESQUISADORA:** Pra você, o que é meio ambiente? Pode definir com suas próprias palavras:

**ENTREVISTADA:** Meio ambiente é tudo e qualquer lugar que nós convivemos, quer dizer, é onde você convive, circula... né? Existe:: Vários:: mas é o, é o:: é onde você está.

**PESQUISADORA:** O ser humano?

**ENTREVISTADA:** É...

**PESQUISADORA:** Do seu ponto de vista, como a escola deve trabalhar a questão ambiental, dentro da sala de aula ou de forma geral?

**ENTREVISTADA:** Bom... Como eu já te falei, que meio ambiente é o ambiente todo, eu acho que a escola deve trabalhar assim, principalmente a questão do ambiente escolar, né? O meio ambiente começa tanto pelo ambiente escolar. Porque às vezes a gente passa pro exterior... né? lá fora, e se esquece do nosso ambiente. Entendeu? A onde nós estamos. Tem que começar por aqui, pela escola. E a escola fica visando só o ambiente externo, tá entendendo? E não o ambiente interno. É como na... na família. Se nós não começarmos de dentro do nosso ambiente familiar, como é que a gente vai poder ensinar? Então a gente tem que começar daqui, e daí, do ambiente escolar passa pro ambiente externo.

**PESQUISADORA:** É... Pra você, quem deve ter maior responsabilidade com o meio ambiente?

**ENTREVISTADA:** Eu acho que não tem A ou B. Eu acho que todos têm a mesma responsabilidade, porque fazemos parte “dele”, né? Eu quanto você... é... do tanto que eu preciso você também precisa.

**PESQUISADORA:** E você, na condição de educadora, acredita que pode fazer algo pra contribuir para possíveis mudanças futuras, através dos alunos...

**ENTREVISTADA:** Eu acho, acho não, tenho certeza que já faço, né? De alguma forma, pode... assim, pode não ser agora, mas futuramente, tudo que eu tô fazendo aqui, vai internalizar e eles... né? Uma vez eu tive uma experiência interessante. Eu trabalhava na zona rural, e lá a concepção que eles tinham era que tinham que devastar tudo, eles derrubavam tudo pra plantar capim. E lá a gente fez um projeto que trabalhava o meio ambiente, né? A degradação do mesmo. Hoje eles têm um projeto lá, feito pelos colonos, de preservar o meio ambiente, então, quer dizer: eu ajudei!

**PESQUISADORA:** É... e você procura incluir a educação ambiental em suas aulas?

**ENTREVISTADA:** Han? (dúvida) Com certeza!

**PESQUISADORA:** E quais as dificuldades encontradas?

**ENTREVISTADA:** Não tem... não tem, acho que não tem dificuldade, porque como eu te disse, o nosso ambiente ta aqui, né? Tá degradado. Então tudo que você utilizar pra

conservação dele... eu acho que não precisa utilizar mídia...é...aparelho tecnológico...basta pegar o aluno e levar pra fora, eu acho que já dá pra dar uma boa aula.

**PESQUISADORA:** Você acha que há relação entre desenvolvimento e desenvolvimento e meio ambiente?

**ENTREVISTADA:** De destruição.

**PESQUISADORA:** De destruição...?

**ENTREVISTADA:** Do meio ambiente. Toda vez que aumenta o desenvolvimento, Ele diminui, né?

**PESQUISADORA:** O que você entende por reflorestamento?

**ENTREVISTADA:** O que prega pra nós é que reflorestamento é cortar uma árvore e plantar outra, né isso? É... complicado falar dessa questão aí. Eu não acredito que reflorestamento seja... a partir do momento que eu corto, eu planto. Eu acho que reflorestamento devia ser o seguinte: sempre ta plantando, né? Não esperar tirar, entendeu?

**Entrevistadora:** Você já percebeu alguma forma de degradação aqui no município?

**ENTREVISTADA:** Totalmente...

**PESQUISADORA:** E você trabalha essas questões?

**ENTREVISTADA:** É um pouco complicado... aqui é complicado.

**PESQUISADORA:** Eles são muito pequenos?

**ENTREVISTADA:** É. Eu já trabalhei na 4º série.

**PESQUISADORA:** Quais as formas de degradação?

**ENTREVISTADA:** O nosso clima, o nosso ar era mais puro, já tem mais doenças... e tudo isso, é a degradação... é mais crianças nos hospitais com asma...

**PAESQUISADORA:** E você acha que tem é... como parar essa degradação?

**ENTREVISTADA:**(negação), Enquanto houver desenvolvimento, não haverá... é... é...  
é:: meio ambiente.

**PESQUISADORA:** É complicado, não é, o trabalho do professor?

**ENTREVISTADA:** É, a gente tem que trabalhar com o desenvolvimento. Mas, e aí... É como eu te disse, se eu for esperar reflorestar quando eu tirar, a gente nunca vai ter meio ambiente, nunca vai ter verde, não vai ter mata. Então deveria se plantar sempre, tá sempre fazendo alguma coisa pra que não acabe.

#### **APÊNDICE D- TERCEIRA ENTREVISTA, PROFESSORA C:**

**PESQUISADORA:** Pra você, o que é Meio Ambiente? Defina com suas próprias palavras, é simples.

**ENTREVISTADA:** No meio ambiente tá inserido, é... a flora, a fauna. O conjunto de florestas e o conjunto de animais. Pra mim isso é o Meio Ambiente. É... onde existe uma ligação entre os seres vivos, tanto vegetal como animal.

**PESQUISADORA:** E o ser humano tá incluído?

**ENTREVISTADA:** Com certeza! (risos), Eu não falei que é a interação dos seres vivos? E isso não inclui só os animais, mas principalmente o ser humano também. É a relação entre o que é vivo e o que é... Aliás, entre os animais e os vegetais. Então é essa relação, de tanto os animais como os vegetais.

**PESQUISADORA:** E do seu ponto de vista, como a escola deve trabalhar a questão ambiental, dentro da sala de aula e em todo o âmbito escolar?

**ENTREVISTADA:** Olha, eu acredito que já deve trabalhar desde as séries iniciais sobre a necessidade da conservação do Meio Ambiente. Que se algo dentro da natureza for prejudicado, como tudo tá interligado dentro de uma cadeia, se um for prejudicado, todos os demais serão, tanto os vegetais quanto os animais. No caso... é, preservar as espécies animais... Então dentro da sala de aula já tem que ser trabalhada essa consciência com as crianças desde as séries iniciais... através da exposição de vídeos, de

conversas, de demonstrações de como hoje está a natureza em consequência dessa... desse, dessa forma de pensar errada do homem em relação a natureza, de poluir... então, começar a mudar a consciência das crianças pra que no futuro a gente, é... consiga reverter essa situação que hoje a gente tá.

**PESQUISADORA:** E você acha que pra agora é possível fazer algo?

**ENTREVISTADA:** Olha, é possível, tanto é que tinha um projeto, um projeto chamado Escola Ativa, que já tinha é... uma atividade voltada principalmente pros alunos de terceiro ano, um módulo que tinha, era chamado módulo e todos eles eram voltados principalmente pra questão da educação ambiental, então eu acredito que falta também o... Mec, as Secretarias de Educação, os professores... começar a... principalmente o Mec e a Secretaria começar a selecionar materiais que dá mais ênfase à isso, porque fica difícil pro professor fazer pesquisa, a carência de materiais dentro da biblioteca da escola, então, mas que é possível é, mas só que é preciso interesse dos órgãos é, ligados a educação.

**PESQUISADORA:** E pra você, quem deve ter maior responsabilidade com o Meio Ambiente?

**ENTREVISTADA:** Todo mundo! Não dá pra dizer uma única pessoa, mas a parte de legislação, é claro, começa pelos órgãos, é, governamentais. Então tem que vim de lá, e... e uma cobrança maior pra que os alunos comecem a repensar a trabalhar essa questão que é ambiental. E trabalhar essa questão que a responsabilidade não é só de uma pessoa, é de todos, a começar pelas crianças, que são as crianças, é óbvio, que no futuro, com certeza, serão adultas, vão tá à frente da educação, do governo, então por isso, tem que ser visada essa questão na escola.

**PESQUISADORA:** E você, na condição de educadora, acredita que pode fazer algo pra contribuir para possíveis mudanças nesse sentido?

**ENTREVISTADA:** É... eu acredito que sim, tanto é que a gente já fez aqui na escola um projeto com enfoque no Meio Ambiente, que trabalhava a questão da equidade, como a reciclagem para se reaproveitar materiais, então é... é claro que isso não é tudo, é claro que tá longe de contemplar toda essa questão... de resolver esses problemas

ambientais, no mundo, não digo nem só a nível de Brasil, mas acredito que no mundo. Mas eu acredito que com pequenas coisas vai fazer a diferença, todo mundo fazer a sua parte.

**PESQUISADORA:** E você, procura incluir Educação Ambiental em suas aulas? Como? Quando? E quais as dificuldades encontradas?

**ENTREVISTADA:** Igual eu te falei, quando eu trabalhava na área rural tinha um programa que já se pensava a respeito da Educação Ambiental, que era mais voltado pros alunos de terceira série. Então eu trabalhei durante onze anos: sobre o que era ecossistema, o problema de aquecimento global, o problema de poluição da água, do solo. Então tudo isso era trabalhado e eu, e eu acredito que as escolas trabalham ainda, muitos professores. Ainda é trabalhado, só que não é dada tanta ênfase quanto deveria, mas ainda é... até o ano passado, quando eu tava em sala de aula trabalhava.

**PESQUISADORA:** E você acha que é mais fácil na área rural, trabalhar essas questões? Até pelo próprio ambiente?

**ENTREVISTADA:** Não! Eu acredito que é da mesma forma, tanto é que lá a gente se depara com situações contraditórias, que a gente fala de preservar, e na área rural é o lugar que mais acontece desmatamento. Fala que a gente não deve realizar queimadas, porque no ato da queimada, muitos animais, a gente destrói tanto a vegetação quanto outras formas de vida, vidas animais. Então, é complicado, não é fácil. Se for pensar, eu acredito que deve ser até mais complicado trabalhar, falar sobre educação ambiental, sendo que a gente... Na verdade lá a gente fala uma coisa e pratica outra, mas é pensando que não são as crianças que realizam esses atos, mas os pais, então, é a partir deles que pode fazer uma diferença. Trabalhar pra eles pensar de outra forma. De como eu posso trabalhar na lavoura, cultivar é... as plantações sem prejudicar o Meio Ambiente.

Também a gente fala muito sobre, é... o uso de agrotóxicos, que além de prejudicar o solo, é... Causar o empobrecimento do solo, também vai matar muitas vidas, né? Vidas de seres pequenos que também são importantes dentro da cadeia alimentar. Então isso pode gerar depois um desequilíbrio dentro da cadeia alimentar de um certo ecossistema.

**PESQUISADORA:** Você acha que há relação entre desenvolvimento e Meio Ambiente?

**ENTREVISTADA:** Seria, como poderia ter desenvolvimento sem prejudicar o Meio Ambiente? Se tem relação ou se prejudica?

**PESQUISADORA:** Se tem relação.

**ENTREVISTADA:** Depende do que você considera desenvolvimento. É o desenvolvimento pregado pela mídia, pelos políticos?

**PESQUISADORA:** Sim, este mesmo. O desenvolvimento desenfreado...

**ENTREVISTADA:** Bom... pelo menos o que a gente tem visto até aqui, esse desenvolvimento que vem sendo pregado, ele só veio a prejudicar o meio ambiente. Não...não, e é por isso que muitas... muitas florestas são destruídas, muitas madeiras são extintas, que tão incluídas dentro da questão florestal, que são extintas ou praticamente extintas. Isso tudo devido essa... esse tal desenvolvimento pregado. Que pensaram o desenvolvimento e não pensaram como conciliar, é... fazer o desenvolvimento acontecer sem prejudicar o meio ambiente

**PESQUISADORA:** E o que você entende por reflorestamento?

**ENTREVISTADA:** Isso é o que todo mundo entende, né? Que é o que, nada mais é do que a reposição de árvores. É o que é mais pregado. Aí entende reflorestamento. Sobre... Se você tira uma madeira, você... principalmente que foi muito utilizada as madeiras, se você tirar uma madeira, principalmente uma madeira de lei, você tem que plantar uma outra no lugar. Tanto é que é o que hoje a Cikel faz. E como... começou a apertar o cinto contra os madeireiros... Então, pra eles manterem as indústrias em funcionamento, então tem que fazer o que, fazer reposição de árvores.

**PESQUISADORA:** E você já viu alguma forma de degradação aqui no município?

**ENTREVISTADA:** Não!!! (risos) De forma alguma! Olha, aqui é o exemplo mais notável de degradação do Meio Ambiente, a começar pela exploração madeireira que... até quando eu fiz (não compreendido) E fiz um levantamento e já existem dentro de Goianésia quarenta e quatro madeireiras, com exploração de matas nativas. Então se

existe essa exploração de mata nativa, não tem como não dizer que existe a degradação. Fora a extração madeireira, outra coisa que a gente vê bem nítido é a... Quantidade de fazendas, então pra formação de pastagens, tiveram que fazer o que, é... fazer a limpeza da... da... de matas naturais. Fora isso, outro tipo de degradação que vem acontecendo dentro do ambiente são os rios, em decorrência da... do mal uso, as pessoas começaram a chegar, formar cidades... E começou a levar poluição pro rio, tanto de uso, lixo de uso doméstico quanto das próprias serrarias. Tem lixo, tem lixo, Eta! Têm rios que tão totalmente soterrados pelo pó de serraria. Então, é... eu acho que degradação é mais ou menos nítido.

**PESQUISADORA:** E você procura trabalhar essa questão?

**ENTREVISTADA:** Olha, infelizmente eu nem cheguei a trabalhar, tanto é que eu trabalhava na área rural, na época não dei tanta ênfase à questão de... Degradação do próprio habitat. No ano passado eu infelizmente não cheguei a trabalhar.

#### **APÊNDICE E- QUARTA ENTREVISTA, PROFESSORA D:**

**PESQUISADORA:** Pra você, o que é meio ambiente. Defina com suas próprias palavras.

**ENTREVISTADA:** Com as minhas próprias palavras? tá bom. Meio ambiente, é o ambiente onde nós vivemos, né? É o conjunto de... o conjunto de... a onde está nossa sobrevivência. Isso pra mim é o meio ambiente. É aonde nós vivemos.

**PESQUISADORA:** E do seu ponto de vista, como a escola, como a senhora acha que a escola deve trabalhar a questão ambiental?

**ENTREVISTADA:** Ensinando os alunos a como preservar esse meio ambiente, para que nós possamos ter uma vida sadia, sem é, deixando eles::é, é:: Deixando eles orientados como trabalhar com esse meio ambiente para que nós possamos ter uma vida sadia, como cuidar do meio ambiente, ensinar eles, ensinar isso, né? deixar eles consciente de como cuidar do meio ambiente.

**PESQUISADORA:** E pra você, quem deve ter maior responsabilidade com o meio ambiente?

**ENTREVISTADA:** Somos nós. Seres humanos, que temos que ter este cuidado, essa responsabilidade com o meio ambiente, somos nós, os humanos.

**PESQUISADORA:** Mas você acha que todos os seres humanos ou alguns?

**ENTREVISTADA:** Todos nós. Não há especificação de quem, somos nós. Dona... a dona de casa... todos.

**PESQUISADORA:** E você, na condição de educadora, acredita que pode fazer algo para contribuir para possíveis mudanças de cuidados ao meio ambiente?

**ENTREVISTADA:** Sim... mais do que nunca nós temos que ta conscientizando os alunos, né? As pessoas, as crianças, os educandos, de como cuidar, como ter a responsabilidade com este meio ambiente, né? É onde cada ser humano faz a sua parte. Os educadores têm a sua parte fundamental nisso.

**PESQUISADORA:** E você procura incluir a educação ambiental em sua aulas?

**ENTREVISTADA:** Sim, com certeza.

**PESQUISADORA:** De que forma?

**ENTREVISTADA:** De que forma, como cuidar do lixo em primeiro lugar, né? como que eu tenho que cuidar do lixo, reciclando, fazendo com que os alunos aprendam cuidar do lixo, ta inserindo, inserindo como cuidar do ambiente.

**PESQUISADORA:** E você acha que existe relação entre desenvolvimento e meio ambiente?

**ENTREVISTADA:** Sim, a gente já vê essa mudança sim, né? os alunos já sabem como cuidar do lixo, para não poluir o meio ambiente. Eles já estão bem conscientizados disso, de como fazer, por exemplo, lixo no lixo, né? Esse é um dos cuidados mais comentados na sala de aula. O que a gente mais repassa é isso, pra não poluir o meio ambiente.

**PESQUISADORA:** E o desenvolvimento, você acha que de alguma forma, tem relação com o meio ambiente? O crescimento das cidades...

**ENTREVISTADA:** Ah, sim,.. Com certeza, né? A partir do momento que a cidade vai crescendo, o desenvolvimento também vai acompanhando esse crescimento... de uma forma é... Preservativa do meio ambiente.

**PESQUISADORA:** O que você entende por reflorestamento?

**ENTREVISTADA:** Reflorestamento, eu entendo de uma forma geral, que é gerar uma nova vida. Né isso? Estamos desenvolvendo... a nova vida das plantas, onde não deixa acabar. Quem dera que cada um pudesse entender isso. Cortar uma árvore e plantar outra no lugar. Ou melhor, nem cortar, mas ta sempre preservando esta árvore, esta vida, não derrubando, mas cuidando dela, para que não venha acabar.

**PESQUISADORA:** E por que você acha que não é bom que acabe?

**ENTREVISTADA:** Por que não é bom que acabe, porque as árvores é a nossa fonte de vida. Como vamos viver num mundo sem árvores, sem plantas, será que há uma vida assim? Isso é muito importante pra que não acabe. Né?

**PESQUISADORA:** E você já percebeu alguma forma de degradação ambiental aqui no município?

**ENTREVISTADA:** Bom... O que eu posso dizer sim, né? na minha casa eu já fiz isso, né? eu estou cuidando dessa parte no meu habitat. Com certeza está contribuindo para o município.

**PESQUISADORA:** E você trabalha a questão da degradação aqui no município em suas aulas?

**ENTREVISTADA:** Trabalho sim. Trabalho, né, eu tento sempre ta repassando isso para os alunos, ta trabalhando com isso. Não na prática, mas teórica, estou passando isso pra eles.

**EPESQUISADORA:** E você acha que é mais complicado na prática...?

**ENTREVISTADA:** Na prática sim, porque pra fazer isso na prática eu preciso não só do apoio da escola, mas de modo geral, de um conjunto de pessoas, pra qu isso vem a acontecer, não Sá na sala de aula, mas.....Eu não dependo só da escola::., eu não dependo só da escola, mas de um conjunto de pessoas, de órgãos que possa tá trabalhando nisso, e não só da escola, que vai incluir, sabe né? não querendo falar prefeito em primeiro lugar que é o órgão maior responsável do município, o órgão maior, não posso trabalhar sozinha, mas o que tá ao meu alcance estou fazendo, tô conscientizando os meus alunos disso.

# ANEXO I- AUTORIZAÇÃO PARA ESTÁGIO NA ESCOLA



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL DO PARÁ  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MARABÁ  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

Marabá, 26 de Agosto de 2013.

Ofício número: 59 /2013  
Assunto: **Solicitação**

**Da: FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - FACED**  
Profa. Silvana de Sousa Lourinho

**À: ESCOLA NELSON PEREIRA DIAS.**

**ATT:** \_\_\_\_\_

Ilma Diretora,

Cumprimentando-a cordialmente venho por meio deste solicitar a sua autorização para que a aluna **VALDICLEIA DE SOUZA SANTOS, MAT: 09429000707**, portadora de RG:5441082 SS/PA tenha em caráter de excepcionalidade um espaço para observação e pesquisa e que possa registrar por meio de Fotografias e entrevistas junto aos professores desta instituição de Ensino para que futuramente esta possa utilizá-los em seu Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia da UFPA Campus de Marabá.

Atenciosamente,

*p.p. Marinheira*  
Antônia Gouveia de O. Lima  
Secretária Escolar  
Port. 039/2013 - SEMED  
E.M.E.I.F. Nelson Pereira Dias

*Silvana de S. Lourinho*  
Silvana de Sousa Lourinho  
Diretora Respondendo pela FACED  
Portaria nº0655/2012

*Marilene A. dos Santos*  
Marilene A. dos Santos  
Gestora Escolar  
Port. 110/2013  
E.M.E.I.F. Nelson Pereira Dias



## **ANEXO II- PROJETO MEIO AMBIENTE**

Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Nelson Pereira Dias

Meio Ambiente

### **INTRODUÇÃO**

O tema Meio Ambiente há muito tempo tem sido motivo de debates, discussões e reflexões, portanto é mais uma oportunidade que temos em mãos, trabalhamos na escola sobre o assunto, visto que como educadora, a escola pode ser um canal de comunicação tão importante ao contribuir com a conscientização de como conservar e utilizar os recursos ambientais, cumprindo assim seu papel, no que tange ao espaço de reflexão e ação dos indivíduos do mesmo grupo social.

Então, ao sermos cientes dos problemas que ocasionam a desestruturação ambiental podemos evitar maiores danos futuros se nos unirmos e abriremos espaços para pensarmos sobre os pontos positivos e negativos referente à temática, como por exemplo: a falta de higiene ambiental ao jogarmos lixo em qualquer lugar; quando se faz a derrubada das matas sem um planejamento florestal; quando não sabemos adubar a terra e cultivar as plantações que favorecem a saúde do homem; sobre a poluição dos rios, quando, quando os mesmos servem de depósitos de dejetos, em fim, o descaso e o interesse de obter lucros através do meio ambiente, contribui para a destruição do nosso planeta.

Sendo assim a E.M.E.I.F. Nelson Pereira Dias vem trazer a proposta de trabalho de forma interdisciplinar, oferecendo a oportunidade aos professores e demais envolvidos no projeto, a realizarem atividades, que venham favorecer as reflexões com os educandos que, por sua vez serão multiplicadores, e assim reconstrutores de uma nova sociedade, mais consciente de seus direitos e deveres, portanto, mais realizada e feliz.

### **APRESENTAÇÃO:**

O projeto denominado **Meio Ambiente**, que se desenvolverá nesta Instituição de Ensino (Escola Nelson Pereira Dias), pelos dias vinte e nove de Maio a cinco de Junho do corrente ano (29/05 a 05/06/2012), será trabalhado de forma interdisciplinar, aos três (03) turnos (Manhã, Intermediário e Tarde), sendo que sua culminância der-se-á no dia cinco, por ocasião do dia Mundial do Meio Ambiente, onde trás como opções diversos subtemas, tais como:

- Conservação dos rios;
- Cuidado com o Lixo (Limpeza do ambiente, reciclagem Do lixo, seleção do lixo);
- Reaproveitamento de alimentos;
- Cultivo das plantas (hortaliças, medicinais, frutíferas, ornamentais).

### **OBJETIVO GERAL:**

Refletir sobre os problemas ambientais e simultaneamente almejar soluções criativas e desenvolver de forma prática estas soluções, começando com a conscientização de quanto somos responsáveis por preservar o meio ambiente em que vivemos e assim preservarmos a própria vida.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Despertar para a responsabilidade Social e individual dos educandos;
- Perceber os impactos sociais causados pelo homem;
- Valorizar a diversidade natural, para adotar postura de respeito e preservação do meio que vivemos;
- Incentivar os educandos a serem agentes multiplicadores de cuidados com armazenamento, condicionamento e destino adequado aos resíduos sólidos (lixo), dentro e fora da escola;
- Observar a importância destes resíduos sólidos (lixo) na reciclagem e quanto pode ser reciclado;

- Incentivar os educandos a perceberem o valor do cultivo de uma horta, de plantas medicinais, frutíferas e ornamentais dentro e fora da escola;
- Perceber a importância que tem os animais para o ecossistema.

### **AVALIAÇÃO:**

Dar-se à de forma contínua e processual, avaliando o empenho de toda equipe envolvida no projeto; onde serão destacados pontos positivos e o que precisa melhorar. (sic) (Trecho do PPP da escola Nelson Pereira Dias, 2012).

### **ANEXO III- PROJETO ARBONIZAÇÃO:**

#### **JUSTIFICATIVA:**

A terra é o corpo celeste que proporciona a possibilidade de vida. A natureza é parte integrante desse planeta. Devido a falta de árvores que proporcione um ar puro com sombras e que as mesmas forneçam oxigênio natural a todos os seres vivos, surge a necessidade de novos plantios para que a humanidade possa usufruir deste ambiente natural.

Desta forma observa-se que o homem é parte integrante em todo processo ativo, reflexivo, porém utilizando o reflorestamento estará contribuindo para uma vida saudável em nosso dia-dia.

Portanto este projeto vem contribuir para uma melhor aprendizagem referente a conservação do meio ambiente para todos que fazem parte da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Nelson Pereira Dias.

#### **OBJETIVO GERAL:**

Despertar o interesse de cuidar do nosso planeta e valorizar o ambiente natural como parte integrante em nossas vidas.

#### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

Identificar a natureza como riqueza indisponível em nosso dia a dia.

Promover a interação dos alunos na troca de experiências sobre o tema abordado.

Incentivar as pessoas no plantio de novas árvores.

Oportunizar ao aluno a conscientização da necessidade da necessidade de preservar o meio ambiente.

Criar uma consciência sobre a necessidade de diminuir e buscar formas para solucionar a poluição do ar.

### **METODOLOGIAS:**

O referido projeto irá ser executado através de plantios de algumas árvores que irão contribuir na arborização local e que possibilite uma interação entre docentes, alunos, gestores, comunidade local na preservação desse ambiente.

### **RECURSOS**

Ambiente local, água, mudas de plantas diversificadas, enxadas, adubos entre outros.

### **AValiação:**

Será contínua com a participação de todos os envolvidos de forma responsável cuidando das mesmas para ajudar na arborização da referida escola.

### **PESSOAS RESPONSÁVEIS PARA CUIDAR DAS ÁRVORES**

Ozilene Braga Viana.

Daniel Fernandes Pereira.

Gilberto Santos de Novais.

Vigberto Fernandes de Carvalho.